PONOS

Histórias artificiais

Talvez eu e meu corpo formemos uma conspiração pelas costas de minha própria mente.

— Friedrich Nietzche

1

Na maioria do tempo, em nossas vidas vis e burguezóides, sentimos uma angústia constante, mas muito bem disfarçada. Não sabemos de onde deriva. Sabemos como nos alvitra, com a absoluta certeza de que nunca irá nos deixar em santa Paz. A desgraçada sensação, regada à desespero gélido que nos paralisa e absorve, na verdade, ao que suspeito, é uma função desta acerba forma de conhecimento chamada "vida". Sim, a vida. Bendito e derruído dom. Lôbrega, inviolável e única maneira de conhecer.

Isto não quer dizer que tudo seja somente "conhecer", "inteligir", "saber"... pare com isso. Há muitas coisas que excedem até mesmo este parecer estranho e afásico do membro assediador das almas e decantador das consciências, pois, muitas das vezes, conhecer é apenas um luxo disfarçado de pesadelo indômito que nos vomita da boca de Deus.

Sendo assim, por que razão – irrazoável! – sentimos o frêmito, o absurdo, a náusea, mesmo estando em condições de conforto inimagináveis a nossos primevos parentes de ironia? A resposta é trivial: jamais saciaremos esta dobra peralta, esta antífona ferina que emana das profundezas de nossa infeliz ignorância.

O motivo sempre jaz no esforço, no esforço absurdo. No trabalho árduo.

Sempre.

Estes eram meus pensamentos justamente no momento em que uma balofa, um frondoso relicário de lipídios asfixiantes sentou-se ao meu lado no estofado infrene da lotação noturna. Todo magro tem essa sina de ser obsediado por vastos volumes de ancas mórbidas e vasculares toda vez que sente a fina ilusão do sossego em um maldito e modorrento ônibus.

Perdoa-me, filho. A tia está abafada hoje, mugiu a orca lagalhé.

Empanzinado e amarrotado pelas banhas invasoras da roliça, cuspi-me mais para o lado, quase ungindo ossos com a placa fria de metal ao largo da janela. Abri meu livro e resolvi ler as letras maçantes de um autor suspeito. Sim, sou daqueles que lê merda na tentativa ilustre de transformá-la em divinos banquetes –

justamente o total inverso da natureza primordial e irremediável. Isto é um vício que admito e até suspiro por mais, o que denota meu instinto macambuzio por coisas mórbidas e escatófilas.

Uma marca de meu tempo. Tempo de agruras mil.

Enquanto ralhava, insosso e parvo, ao lado de tão macilento cetáceo, percebi o quão tórrido era meu destino; o quão trépido fora o caminho percorrido até o momento cabal desta noite pestilenta. A noite em que eu iria transgredir definitivamente os limites da perversão que me foi imposta – embora buscada por mim mesmo.

Ainda a pouco, estava frente à musa do mais lépido verão. Olhávamo-nos pela última vez – já que as possibilidades de uma disponibilidade sã que não perturbasse as órbitas dos planetas era vindima lorota embusteira.

Ela me olhou solenemente, mas hercúlea. Se foi de maneira violentamente serena, como um lento naufrágio, de modo que me fizesse esquecer completamente o que havia acontecido naqueles três anos bestiais. Ao menos parecia isto.

Os males acumulados superaram os benefícios inauditos, disse por fim.

Que seja. A solidão é um colírio que cega mais os olhos que a ponta de uma furadeira enferrujada, pronta para rasgar a parede.

O fato é que esta era a última tentativa esdrúxula de encantar a Deus com minhas virtudes – ou supostas lástimas memoriais – pois agora chegou a hora do trabalho, o tão probo trabalho necessário para que a humanidade, enfim, enxergasse a mijada de porca no qual estava inundada. Não havia espaço para distrações, nem tempo para passatempos, afinal, o inimigo luxento dos homens mugia com sua língua facínora pendurada por de fora da boca morta, pingando peçonha prenhe, doida pra cuspir este demônio chamado "conspiração" aos quatro cantos do mundo!

Poucos tinham o meu olhar sobre os detalhes, mas muitos viam nisso uma total perda de vida.

Desci no ponto próximo à Igreja de um bairro hostil e odioso, mas normal. Dei um untuoso salto com o trambolho metálico ainda em movimento que fez com que a urgência do processo fosse ilustrada com pinceladas de audaciosa picardia performática. Passei de frente aos bares próximos à sarjeta imunda e só consegui olhares mórbidos dos bêbados e vagabundas vis. Obviamente não suspeitavam que ali passava um pretenso "salva-mundos", um sujismundo surto de decência perdido na decadência grávida das latrinas estertoras – que são suas perspectivas disformes sobre si mesmos e sobre o mundo.

É triste, mas é verdade. Só sobrou este que vos fala em tamanho inferno de lassidão.

O celular toca. Alguém especial na linha.

Alô. Sim, ele mesmo. Estou a caminho.

Nada mais elástico do que um papo veloz e surto, como naqueles filmes idiotas de Hollywood. O velho homem me aguardava, meio a contragosto, meio ansiolítico, mas aguardava. Bati na porta de madeira que surgia duma fresta escura e enfadonha ao lado do presbitério. Não foi preciso três batidas para sentir os passos salgados e miseres daquele senhor, tão requisitado pelos macacos do jardim, chegando até a fechadura e a desvelando para dizer – Por favor, entre.

É impressionante como o simples atravessar de uma soleira pode nos apresentar uma atmosfera tão diversa e indiferente ao sacolejar insano do falatório cotidiano. O cheiro desta indiferença foi o primeiro contato com os cômodos risíveis do bom velhinho. O aposento era daqueles que não pedem licença para entrar na alma: uma saleta recoberta de lombos amarelos e tomos de capa dura arrumados com a soberba silenciosa de quem os leu todos e ainda assim permaneceu, ao fim, um homem perplexo. Uma lamparina de mesa derramava uma luz sepulcral sobre a desordem metódica de papéis que só um sacerdote ou um louco organizaria daquela maneira — em pilhas que pareciam rezar umas pelas outras. O crucifixo na parede tinha o aspecto sóbrio de quem já viu coisa demais e resolveu parar de se surpreender.

Uma distorção pálida na expressão facial me dizia — Bom te ver, sente-se, a casa é sua. Mas a frase saiu morna, como benção dada de cabeça baixa, e o silêncio que chegou logo em seguida dominou os detalhes, os cortejos visuais e as rugas flácidas daquele rosto antigo. Um pavor sepulcral — poucas vezes percebido por este observador arguto dos detalhes — havia pousado nele como uma ave grande e paciente. Não era o pavor dos incrédulos, que se parece com repulsa. Era o outro. Aquele que só encontramos nos rostos de quem sabe demais e ainda assim precisa ouvir mais uma vez.

Sentei-me numa poltrona logo abaixo de uma persiana mal pintada, porém elegante, na esperança chula de ali poder queimar um tabaco. Um pequeno sinal com os dedos foi suficiente para descartar tal ideia. O velho se recostou em sua poltrona macilenta, com braços de madeira e estofado carmesim que exalava o perfume de décadas de confissões ruinosas e chás de camomila. Juntou as mãos e suspirou um vento trêmulo, como uma flatulência escapada dos vãos carcomidos de alguma anciã abaloada.

Olhou para mim.

Não é simples descrever este olhar. Havia nele qualquer coisa de diagnóstico — a sutileza clínica do médico que palpa o abdômen do paciente enquanto pergunta, com voz mansa, como está se sentindo? e já sabe, já sabe desde o primeiro toque, o que vai encontrar. Mas havia também, e isto me perturbou de modo que só percebo agora, uma compaixão de profundeza descomunal. Como se este homem, neste quarto abafado que cheirava a incenso velho e papelão úmido, tivesse diante de si não um agente da Providência, não um mensageiro de circunstâncias perigosas demais para os débeis de espírito — mas alguém que ele conhecia de outro modo. Um modo que eu desconhecia.

Vamos ao que interessa. Quando foi a última vez que eles fizeram contato?

Boa noite, santo Padre, a sua benção. Ontem à noite, próximo à hora nona.

Muito bem. Pausa longa. Demasiado longa para ser apenas pensamento. Isto faz algum sentido...

Havia no comentário algum sentido obscuro, alguma reticência codificada que eu, naquele momento de urgência e clareza absoluta, não soube ler. O velho olhou brevemente para um ponto acima da minha cabeça — um hábito tic, imaginei, ou talvez a oração veloz que os padres fazem sem mexer os lábios quando a situação exige ajuda de instância superior. Depois voltou para mim com os olhos assentados em algo que não era bem crença, não era bem dúvida. Era uma terceira coisa, sem nome honesto.

Mas diga-me: o que exatamente disseram desta vez?

Bom... na verdade eles...

Psiu. Pare. Não fale. Escreva.

Imediatamente pegou um bloco amassado de folhas, logo abaixo de seu traseiro, numa greta escondida lateralmente na poltrona. As folhas vieram quentes e esmolambadas. Um lápis áspero em meio à maçaroca se destacou como um sinal da Providência. Notei, só então, que o bloco já continha escrita. Uma escrita miúda, inclinada, inconfundível. As páginas anteriores — não pude ler o que dizia, pois ele virou o bloco com a habilidade natural de quem já sabe que não deve ser lido — continham anotações de sessões anteriores. Outras visitas. Outros relatos.

Agora, não deixe nenhum detalhe para trás.

E foi o que eu fiz. Exato e complexo, sem perder de vista nenhuma feição da coisa. Escrevi com a concentração de quem descarrega uma bomba em segurança. O padre lia por sobre meu ombro — não, não lia: acompanhava, que é diferente, porque acompanhar pressupõe que você já conhece o caminho e apenas verifica se o outro está tomando o desvio de sempre. Uma ou duas vezes ele fechou os olhos por um segundo. Não em aprovação. Em algo que prefiro não nomear.

Quando terminei, dobrou o papel com um cuidado excessivo para um homem que minutos antes guardava o bloco sob as próprias nádegas. Ergueu-se devagar — os joelhos do homem estavam gastos, ou talvez fosse o peso específico de certas noites —, e foi ao que eu julgava ser uma gaveta de arquivo, mas era uma gaveta

comum de escrivaninha, das que têm uma fechadura simbólica que só existe para consolar o ingênuo. Abriu. Depositou. Fechou.

Estendi a mão.

Um aperto firme, mas breve. Até logo, bom rapaz. Cuida-te.

Bom rapaz. Não bom trabalho. Não Deus te abençoe ou qualquer outra munição do arsenal pastoral. Bom rapaz. Como se diria a um filho agitado que finalmente parou de correr pela casa. Em poucos segundos a porta se fechava a poucos centímetros de meu nariz com as mãos suaves do coroa empurrando minhas costas, e a luz interior se apagava para dar ao lugar uma impressão de túmulo inabitável. Maldito santo. Poderia ao menos ter-me oferecido um café.

Do lado de fora, o ar noturno entrou pelo nariz como um insulto. Acendi o cigarro e comecei a andar. A missão estava cumprida — esta parte, ao menos. O velho sabia agora. Sabia e iria agir. Era o que eu precisava acreditar.

E acreditei, com a ardência específica de quem não tem mais nada além disso.

Render informações sensíveis a senhores de alta consideração pública oferece seus riscos. Eu, como católico (ou intento disso), o faço pela mais nobre das intenções, até porque o lance derivava de uma peleja espiritual sem precedentes, algo urgente demais para as autoridades civis – reféns de meu asco infinito! –, incapazes de superar os primeiros prolegômenos da questão, tomarem tino. Uma questão arguta, turva, imperiosamente perigosa, nem queiram saber! Não quero morrer por isso, mas irei com o maior dos prazeres se preciso for.

Por essas e outras a teoria da conspiração conspirou contra mim, me tornando um membro frágil da espécie. Eloquente, mas inconsequente e prévio demais aos olhares e esquisitices cabais. Foda-se. O que preciso está ali, a poucos metros, embora completamente imprevisto.

Rapidamente me dirigi ao sortilégio.

Sentei-me a poucos metros do próximo encontro, numa loja de conveniência de um posto de gasolina decadente. Acendi meu cigarro num fósforo podre que

quebrou com a pressão da fricção e veio a cair, aceso, sobre o livro bruxuleante que estava em meu colo. Isto me fez remexer no banco o suficiente para ser notado como uma caça ao olhar magano do predador, pronta para ser devorada pelo sinal catártico da desaprovação. Recomposto, bati as botas e encurtei o espaço entre nós.

O sefardita canastrão estava escondido atrás das folhas de um jornal indecente, porém, curto o suficiente para explanar seu nariz de mercador salafra.

Mais uma vez, espalhafatoso e indômito. Senta cá.

Puta que o pariu, malogro em forma de gente! Que porra chata essa tua conversinha de espião. Vamos logo ao que—

Cale-se, *goyn* dos caralhos! Eles estão logo ali.

Baixei os olhos. Do outro lado do posto, encostados numa Kombi branca sem placa e sem qualquer outra característica que não fosse a brancura específica das coisas que não deveriam existir, havia três homens. Chapéus de aba larga, negros. Casacos, negros. Barbas compridas, arrumadas com o rigor ascético de quem trata o próprio rosto como texto sagrado. Não faziam nada. Não olhavam para lugar nenhum em particular — ou olhavam para tudo ao mesmo tempo, que dá no mesmo e é pior. Um deles movia os lábios em silêncio com a cadência rítmica inconfundível de quem recita, e não de quem reza: recitar pressupõe precisão, cada sílaba no lugar certo, cada pausa com função, como se o mundo precisasse ser relembrado constantemente de suas próprias regras para não desmanchar.

Senti na nuca o que só posso descrever como uma atenção. Não um olhar — atenção. A diferença é sutil, mas devastadora. Um olhar vem de fora para dentro. A atenção que senti vinha de dentro para fora, como se algo dentro de mim houvesse sido localizado, fichado, e estivesse sendo monitorado a partir de coordenadas que eu não poderia jamais acessar.

Vamos, disse o sefardita, e se levantou com a agilidade discreta dos homens que passaram a vida inteira precisando sair de lugares rapidamente.

O endereço era num sobrado cor de ocre desbotado, numa rua sem nome honesto num bairro que parecia ter sido construído como cenário de algo que ainda

não havia acontecido. A escada rangia com uma nota constante, sempre a mesma, como se o degrau central houvesse decorado a frequência exata da própria deterioração e a repetisse por princípio. O sefardita bateu na porta três vezes. Pausa. Duas vezes. Pausa. Uma.

A porta abriu sem que ninguém a abrisse — ou assim me pareceu no primeiro segundo, antes que os olhos se ajustassem à penumbra interior e encontrassem a mão que segurava a maçaneta: pequena, de veias proeminentes, de uma imobilidade que era menos repouso do que contenção.

O cômodo tinha o tamanho e o aspecto de uma consciência arrumada por força. Prateleiras até o teto, livros em hebraico com lombadas gastas pelo manuseio de gerações, alguns com faixas de papel marcando passagens que deveriam ser urgentes já há séculos. Uma mesa comprida ao centro, despida de tudo exceto um castiçal de sete braços — a *menorá* — cujas chamas ardiam com uma estabilidade que nenhum ambiente natural justificaria. Não havia janela. Não havia, que eu percebesse, nenhuma fonte de ar. E ainda assim as chamas não vacilavam.

No extremo da mesa, de pé, com as mãos entrelaçadas na altura do abdômen numa postura que era simultaneamente deferente e dominante, estava Rebe Mordechai.

Não era um homem grande. Era, ao contrário, de estatura que beirava o insignificante — e talvez fosse exatamente isto que o tornava tão absolutamente impossível de ignorar. O rosto tinha a textura específica do pergaminho que foi dobrado e desdobrado muitas vezes: não envelhecido, exatamente, mas inscrito. Os olhos eram de um castanho tão escuro que a pupila só se distinguia da íris sob luz direta, o que dava à sua expressão uma opacidade serena e insuportável. Usava um chapéu preto de aba estreita e *payot* — as madeixas laterais — que desciam até a altura do queixo com a precisão de um argumento bem estruturado.

Não disse nada. Esperou.

Esta é a vantagem dos que sabem esperar: transferem para o outro o peso da iniciativa e, com ela, o peso da culpa por tudo que vier a seguir.

Rebe. Inclinei a cabeça com o respeito que a situação e meu próprio instinto de sobrevivência exigiam. A informação foi entregue. O padre recebeu o dossiê incompleto, conforme combinado. Ele não tem o nome. Tem apenas o suficiente para—

Suficiente. A palavra saiu da boca de Mordechai com a precisão cirúrgica de quem a havia escolhido há muito tempo e esperava apenas a oportunidade de empregá-la. Não era interrupção. Era correção. O suficiente não existe. Existe o necessário. São coisas diferentes.

Fez um gesto mínimo com a mão direita. Um dos homens que eu não havia percebido — encostado na prateleira mais escura do cômodo, tão quieto que compunha com os livros uma continuidade de silêncio — avançou e depositou sobre a mesa uma folha coberta de caracteres que reconheci como hebraico, mas de uma caligrafia que não era manuscrita nem impressa: era outra coisa, algo que oscilava entre os dois como uma língua que ainda não decidiu o que quer dizer.

Leia, disse Mordechai.

Não leio hebraico.

Não pedi que lesse. Pedi que olhasse.

Olhei. E aqui devo ser honesto, com a honestidade incômoda de quem relata o que viu sabendo que será desacreditado: os caracteres se moveram. Não todos — apenas alguns, os do centro da página, que pareceram rearranjar-se com a lentidão de animais que acordam. Piscou alguma coisa, ou piscaram meus olhos. O castiçal crepitou com uma singeleza que parecia calculada. E a atenção na minha nuca — aquela coisa que não era olhar — intensificou-se por um instante com a qualidade específica de um aperto.

Levantei os olhos para Mordechai.

Ele me observava com a expressão de quem acabou de confirmar uma hipótese que já não precisava de confirmação.

O *Golem* não é uma criatura, disse, com a paciência de quem explica pela última vez. É um princípio. Uma argila que espera a letra certa para acordar. Há muitos anos que esperamos a combinação precisa. Há muitos anos que o mundo nos oferece os elementos errados na ordem errada. Uma pausa. Até agora.

O silêncio que se seguiu não era vazio. Era o tipo de silêncio que os textos antigos descrevem antes dos prodígios — não a ausência de som, mas a suspensão de tudo que não é essencial, como se o universo houvesse recolhido o fôlego.

E o que exatamente—

Você já fez o que precisava fazer esta noite, interrompeu ele, e desta vez era, de fato, uma interrupção. O resto não lhe diz respeito ainda. Há uma ordem nas coisas. Não por acidente — por necessidade.

Deu meia volta com a naturalidade de quem encerra uma audiência que ele próprio havia concedido, e caminhou em direção à prateleira mais funda do cômodo, onde os livros ficavam mais escuros e mais antigos e onde a luz das velas não chegava com a mesma convicção. Antes de desaparecer completamente naquela penumbra de tinta e pergaminho, virou-se uma última vez.

Cuida-te, disse. E havia no tom — não ameaça, não conselho, algo entre os dois que não tem nome em português — uma informação que eu não soube decodificar naquele momento.

Shlomo, o sefardita, já estava na porta.

Do lado de fora, a noite havia mudado de textura. Não sei explicar de outro modo. O ar estava igual, a rua estava igual, os postes derramavam a mesma luz suja de sempre sobre o mesmo asfalto remendado de sempre. Mas havia qualquer coisa ligeiramente deslocada na disposição das coisas, como num quarto que foi arrumado por alguém que não conhece o quarto — tudo no lugar certo, mas no lugar certo errado.

Acendi outro cigarro. A brasa acendeu na primeira tentativa, o que me pareceu, naquele estado de espírito, um dado relevante.

Caminhei sem destino preciso por um tempo que não soube medir — poderia ter sido dez minutos ou poderia ter sido a extensão exata do que restava de sensato em mim. As ruas do bairro hostil dobravam sobre si mesmas com a lógica preguiçosa dos labirintos que não foram projetados para confundir, mas confundem do mesmo jeito, por puro descaso com a geometria. Em algum momento passei em frente a uma farmácia fechada cuja vitrine exibia, entre cartazes de vitaminas e aparelhos de pressão, um espelho de corpo inteiro.

Parei.

O homem que me olhava do espelho tinha meu rosto, minha roupa, meu cigarro entre os dedos. Tinha também, e isto levei um momento para processar, uma expressão que não reconheci imediatamente como minha: não era medo, não era triunfo, não era a exaltação específica de quem acaba de participar de algo maior que si mesmo. Era outra coisa. Algo que se parecia estranhamente com o olhar do padre — aquela terceira coisa, sem nome honesto.

Dei as costas ao espelho e continuei caminhando.

O trabalho estava feito. O inimigo havia recebido informação falsa. O padre havia recebido informação real. O equilíbrio delicado da operação se mantinha, por enquanto, sobre os ombros frágeis desta noite pestilenta e de seus personagens improváveis: um sacerdote de joelhos gastos, um talmudista de chamas imóveis, um sefardita de nariz mercador, e eu — ajudante do salva-mundos, sujismundo surto de decência, último repositório lúcido de uma verdade que o mundo não estava pronto para carregar.

Por essas e outras minha mulher me deixou.

Mas isto, como quase tudo que importa, era detalhe para outro dia.

2

Há uma missa das dez que o Padre Aldo Xavier celebrava com a solenidade específica de quem aprendeu que a liturgia é uma armadura — não contra o pecado, que esse entra por baixo de qualquer proteção, mas contra a distração, que é o pecado dos pecados e a enfermidade mais democrática do século. O homem sabia celebrar. Digo isto sem ironia, que já é em si uma concessão generosa da minha parte: o bom Aldo tinha o dom raro de transformar o rito numa coisa viva, de fazer com que o latim residual e o português claudicante da missa ordinária soassem como se fossem inventados ali, naquele momento, para aquela assembleia específica de almas encurvadas e sapatos endomingados.

Vera estava ao meu lado no banco de madeira dura — aquela dureza pastoral que os arquitetos de igrejas calculam com precisão para que o fiel não se esqueça, em momento algum, que está num lugar sério. Ela tinha o missal aberto no colo e os olhos fixos no altar com a atenção que eu sempre admirei nela: uma atenção limpa, direta, sem a camada de comentário interior que contamina a minha percepção de qualquer coisa que dure mais de três minutos. Vera era capaz de estar completamente em algum lugar. Era o seu talento maior e, nos últimos tempos, a fonte do nosso abismo mais intransponível — porque eu havia me tornado incapaz de estar em lugar nenhum sem que o lugar fosse simultaneamente outra coisa, um nó numa rede, um dado numa sequência que só eu enxergava e que me enxergava de volta com uma intimidade obscena.

O Padre Aldo levantou o cálice.

Naquele instante, e peço que o leitor me conceda a honestidade bruta do relato sem me diagnosticar prematuramente, senti o olhar dele pousar em mim por uma fração de segundo com uma qualidade que não era litúrgica. Era reconhecimento. O tipo de reconhecimento que se troca entre dois homens que partilham um segredo que nenhum dos dois escolheu partilhar e que nenhum dos dois sabe muito bem como carregar. Baixei os olhos para as próprias mãos. Vera não percebeu. Vera nunca percebia estas coisas — não por falta de inteligência, que a mulher tinha inteligência suficiente para perceber e descartar em sequência rápida qualquer coisa que ameaçasse a arquitetura sensata de sua vida.

Isto do teu altar, Senhor—

Fechei os olhos e deixei as palavras passarem por cima de mim como água sobre pedra, que é o único modo honesto de sobreviver a uma homilia quando a cabeça está cheia de outras homilias.

O problema com os padrões é que eles não aparecem de uma vez. Isto seria misericordioso — uma revelação completa, um relâmpago que ilumina tudo e depois apaga, deixando o homem com a escolha clara de acreditar ou não acreditar e seguir em frente. Não. Os padrões aparecem em fragmentos, cada um inocente por si mesmo, cada um perfeitamente explicável dentro da lógica confortável do acaso. É apenas quando você os alinha — e há um momento exato, um instante sem retorno, em que você os alinha pela primeira vez — que a figura emerge. E a figura, uma vez vista, não volta a ser invisível. Pode-se fechar os olhos. Pode-se beber. Pode-se trabalhar até o esgotamento ou fazer amor com desesperada aplicação. A figura permanece, paciente, do outro lado de qualquer coisa que se interponha entre ela e você.

Comecei com datas. Isto soa banal, eu sei — conspiracionistas de almanaque começam com datas, é o primeiro sinal de que alguém desceu alguns degraus rumo ao porão do raciocínio. Mas as minhas datas não eram as datas dos loucos de internet, as coincidências numéricas fabricadas por mentes que precisam de costura onde há apenas tecido solto. As minhas eram outra coisa. Eram as datas em que certas decisões foram tomadas — decisões econômicas, políticas, eclesiásticas — alinhadas com uma regularidade que a estatística não conseguia absorver com conforto. Eu era, à época, um homem de leitura séria e ceticismo funcional. Não o tipo de homem que vê padrões. Era, de fato, o tipo de homem que olhava com piedade condescendente para os que os viam.

Até a noite em que vi.

Não foi num livro esotérico. Não foi numa revelação mística de quarto às três da manhã, com velas e febre. Foi numa quarta-feira comum, num café de fórmica onde eu corrigia provas de um texto menor, quando três informações que eu já conhecia separadamente se tocaram na minha cabeça com a delicadeza seca de três

fósforos que se raspam ao mesmo tempo. O incêndio foi imediato e silencioso. Paguei a conta. Saí. Andei até em casa sem sentir o próprio corpo. Vera já dormia. Abri o caderno que estava sobre a escrivaninha — um caderno de capa preta que eu usava para anotações de trabalho e que nunca mais voltou a conter outra coisa que não fosse aquilo — e escrevi por quatro horas sem levantar.

De manhã, Vera encontrou o caderno aberto sobre a mesa e me encontrou dormindo sobre os braços cruzados ao lado dele, como um escoliasta medieval que sucumbiu ao próprio comentário. Leu algumas páginas — sei disso porque ela me contou, meses depois, já com o casaco e a mala na porta, numa daquelas conversas que são ao mesmo tempo a mais honesta e a mais inútil que dois seres humanos podem ter. Li algumas páginas naquela manhã, ela disse, e tive um medo que não soube nomear. Não de você. Do que você havia encontrado. Porque fazia sentido, sabe? Era isto o mais assustador. Fazia um sentido absurdo e eu precisei fechar o caderno e fazer café e ligar o rádio e deixar a voz de um locutor idiota preencher a cozinha inteira para não continuar lendo.

Ela era inteligente demais, Vera. Havia amado exatamente esta inteligência dela durante anos — a lucidez rápida, a capacidade de ir direto ao nervo das coisas sem o rodeio sentimental que eu, ao contrário, cultivava como vício confesso. Mas a inteligência dela, descobri, tinha um limite que a minha não tinha, ou não tinha ainda: ela sabia quando parar. Sabia reconhecer o ponto em que o conhecimento deixa de iluminar e começa a queimar, e tinha a disciplina — ou era covardia? nunca resolvi — de recuar antes de se chamuscar.

Eu não tinha esta disciplina. Ou não tinha esta covardia. Depende do ângulo.

Na missa das dez, o Padre Aldo Xavier chegava sempre ao sermão com o ar de quem vai dizer uma coisa simples sobre uma coisa complicada — e dizia, invariavelmente, uma coisa complicada sobre uma coisa que todos pensavam simples. Era o seu método. Naquela manhã falou sobre o silêncio de Deus. Não a ausência de Deus — tema para covardes e ateus de fim de semana — mas o silêncio específico, operativo, de um Deus que cala porque o que tem a dizer não cabe em nenhuma língua que tenhamos construído até agora. O silêncio de Deus, disse ele,

com aquela voz que havia aprendido a não competir com o eco da nave, não é uma resposta negativa. É uma resposta cuja gramática ainda não inventamos.

Vera assentiu levemente com a cabeça. Ela sempre assentia quando Aldo dizia algo que ela já sabia, mas ainda não havia formulado.

Eu olhei para o padre e o padre, por um brevíssimo instante que pode ter sido real ou pode ter sido a minha arquitetura habitual de significados, olhou de volta com a mesma expressão da noite anterior — aquela terceira coisa sem nome honesto — antes de voltar ao missal com a placidez profissional dos homens de Deus que aprenderam a administrar o que sabem.

Também o homem, continuou ele, quando encontra uma verdade que excede sua capacidade de comunicação, tende ao silêncio. Ou tende ao oposto — ao excesso de palavras, à verborragia desesperada de quem tenta com quantidade suprir o que falta em precisão. Ambos são formas de solidão. Ambos são, a seu modo, uma oração.

Vera me olhou de lado. Não disse nada. Mas havia no olhar aquela mistura que eu havia aprendido a reconhecer nos últimos meses: o amor intacto e a exasperação igualmente intacta, coexistindo com a tensão incômoda de duas coisas verdadeiras que não encontram acordo. Ela ainda me amava. Estava apenas ficando sem fôlego de amar alguém que havia decidido, sem consultar ninguém, transformar a própria vida num ato de inteligência militante contra o mundo inteiro.

Peguei a mão dela durante o Pai Nosso. Ela deixou. Isto, naquele momento, pareceu-me suficiente.

Não era. Mas era o que havia.

Do lado de fora da igreja, o sol batia com a insolência gratuita dos domingos que não têm nada a provar. Vera amarrou o lenço na bolsa com o gesto seco de quem encerra um assunto que ainda não foi aberto, e caminhamos até o carro em silêncio — aquele silêncio conjugal específico que não é paz, mas o acordo tácito de dois seres que sabem que a conversa inevitável deve aguardar pelo menos até que se esteja sentado.

Sentamo-nos. Ela não ligou o carro.

Basílio, disse ela. Apenas isto. O nome sozinho, sem complemento, com o peso exato de quem o usa como instrumento de precisão cirúrgica.

Devo aqui fazer uma confissão de ordem etimológica, que o leitor vai receber com a simpatia ou com o tédio que bem entender: minha mãe, mulher de devoção excessiva e vocabulário bíblico, havia me batizado Basílio com a convicção de que nomes são destinos e que um filho chamado pelo nome grego da realeza e da majestade cresceria com a dignidade correspondente. O que ela não previu — porque as mães nunca preveem, que é sua graça e sua tragédia simultâneas — é que a majestade, em certas naturezas, não se manifesta em coroas, mas em obsessões. O rei que há em mim nunca quis um trono. Quis uma verdade. E as verdades, como sabem os que as perseguem, são rainhas cruéis que devoram seus pretendentes com a voracidade serena de quem tem todo o tempo do mundo.

Basílio Arcanjo de Meireles. Para os íntimos e para os irritados, apenas Basílio.

O que foi? disse eu, com a inocência estudada de quem sabe exatamente o que foi.

O que foi. Ela repetiu a frase de volta para mim com aquela habilidade feminina e devastadora de transformar as palavras do interlocutor em evidência contra ele próprio. Durante a bênção final você estava calculando alguma coisa. Eu sentia. Parecia uma máquina de somar humana sentada ao meu lado no banco da igreja.

Estava ouvindo o padre.

Estava ouvindo o padre como eu ouço o rádio quando estou pensando em outra coisa — com os ouvidos, não com mais nada. Virou-se para mim com os olhos que eu amava e que naquele momento estavam investidos de uma clareza implacável. Basílio. Precisamos conversar sobre isto.

Sobre o sermão?

Sobre tudo. Pausa breve, ponderada. Sobre o caderno. Sobre as noites. Sobre o Shlomo esse, o sefardita que você encontrou não sei onde e que apareceu aqui em casa duas vezes já com aquele ar de mascate do Levante—

Shlomo é um intermediário. Um contacto. Não é—

Não me interessa o que ele é. Disse com a firmeza serena das mulheres inteligentes que aprenderam que interromper, feito com precisão, é mais eficaz que argumentar. Interessa-me o que você está fazendo. E o que você está fazendo, Basílio, é construir uma catedral dentro da sua própria cabeça e passar cada vez mais tempo dentro dela e cada vez menos tempo aqui, neste carro, com esta mulher que você supostamente escolheu para companhia.

Suspirei. Havia neste suspiro toda a frustração do homem que carrega uma iluminação que ninguém ao redor consegue ver — e também, devo admitir com a honestidade que o presente me impõe, toda a mágoa de quem sabia que ela não estava completamente errada.

Vera. Peguei as mãos dela. Ela não as retirou — bom sinal. Deixa-me te explicar uma vez, direitinho, o que está acontecendo. Uma vez. Se depois você achar que sou um vexatório dementado, prometo que fecho o caderno e nunca mais falo no assunto.

Ela me olhou com a expressão de quem não acredita na promessa, embora aceite os termos porque a alternativa é pior.

Pode falar.

Há quinhentos anos — comecei, com a compostura professoral que assumo quando quero que algo seja levado a sério — um grupo de cabalistas dissidentes do círculo de *Safed* desenvolveu uma interpretação do *Zohar* que os rabinos ortodoxos consideraram não apenas herética mas ativamente perigosa. Não por razões teológicas. Por razões práticas. Porque esta interpretação — que misturava a numerologia talmúdica com uma leitura esotérica dos ciclos históricos — fornecia uma espécie de cartografia do poder. Um mapa. Não de territórios. De intenções.

Intenções de quem? perguntou Vera. Ela sempre perguntava. Era o seu modo de participar sem se render.

De quem move as coisas por baixo das coisas. Veja: toda grande catástrofe histórica dos últimos cinco séculos — e digo catástrofe no sentido grego, que é reviramento, não necessariamente destruição — foi precedida por um alinhamento específico de circunstâncias econômicas, eclesiásticas e políticas que obedece a uma cadência. Uma cadência, Vera. Com intervalos regulares, com a mesma assinatura estrutural, como se alguém estivesse regendo uma orquestra cujos músicos não sabem que estão tocando juntos.

Ou como se você estivesse impondo uma partitura a um ruído aleatório.

Poderia ser. Concedi o ponto com a magnanimidade do homem que pode se dar ao luxo de concedê-lo porque a fortaleza do argumento não depende de nenhuma pedra isolada. Poderia ser coincidência, padrão imaginário, a velha falácia do apostrofismo — acredite, fui o primeiro a suspeitar de mim mesmo. Mas o caderno, Vera. O caderno tem cento e quarenta e sete páginas e cada página tem no mínimo duas convergências documentadas. Não inferidas. Documentadas. Datas, nomes, decisões, seus efeitos em cadeia. Isto não é apostrofismo. Isto é arquivologia.

Ela ficou quieta por um momento. Era o silêncio dela específico de quando algo que eu digo aterra em algum lugar verdadeiro nela e ela precisa de um instante para decidir o que fazer com isto.

E o Padre Aldo? disse por fim, com uma cautela que me surpreendeu. O que ele tem a ver com isso?

Aldo é o único homem que conheço com acesso simultâneo à erudição patrística, às redes eclesiásticas que importam e à autoridade moral para tornar pública uma denúncia desta magnitude sem ser descartado como um frenético. Fiz uma pausa. Ele sabe, Vera. Já lhe mostrei parte do material. Ele sabe e está colaborando.

Colaborando como?

De formas que não posso detalhar ainda. Por segurança.

O rosto dela mudou. Não de repente — a mudança nela era sempre gradual, uma maré que sobe por milímetros antes de cobrir tudo. Vi a exasperação ceder espaço a algo mais fundo e mais quieto, que eu reconheci com o desconforto de quem reconhece uma acusação justa antes de ela ser formulada.

Segurança, repetiu. A palavra saiu dela como se fosse feita de um material mais pesado que as outras. Basílio. Ouça o que está dizendo. Segurança. Você é um homem que escreve sobre ideias. Que lê em três línguas e dorme mal e bebe café demais e gosta de Bernanos e acha que o mundo não merece Simone Weil. Uma pausa curta, milimétrica. Você não é um agente de nada. Não tem inimigos. Não tem segredos que precisem de segurança. Tem um caderno e uma ideia que foi crescendo no escuro até ocupar mais espaço que tudo o mais.

Ou tenho uma ideia que foi crescendo no escuro porque é no escuro que as verdades verdadeiras crescem, respondi, com mais serenidade do que sentia. As outras — as ideias domésticas, as que a todos convêm — essas crescem à luz. Florescem em congressos e ganham prêmios e não incomodam ninguém.

Ela me olhou por um longo momento. Neste olhar havia o amor — estava lá, intacto, reconheci-o com a familiaridade dolorosa de quem reconhece uma casa que está prestes a deixar. Havia também a exasperação, a companheira constante. Mas havia uma terceira coisa que eu não havia visto antes com aquela nitidez: o medo.

Não de mim. Por mim. Que é diferente e é pior.

Basílio. A voz saiu mansa, quase em surdina, com aquela qualidade específica das vozes que baixam quando o assunto sobe. Eu acredito que você encontrou algo. Acredito que o caderno é real e que as convergências são reais e que você não é louco — não do modo que as pessoas chamam de louco, pelo menos. Respirou fundo. Mas estou com medo. Não de teorias. De consequências. Se o que você diz é verdade — se este grupo existe, se tem o alcance que você descreve, se o Rebe esse é o que você pensa que é — então você, meu querido marido obtuso e incorrigível, está enfiando o nariz numa engrenagem que tritura pessoas muito mais poderosas que você sem deixar sequer o perfume.

E se eu não enfiar, quem enfia?

Ninguém, disse ela, com uma simplicidade devastadora. E o mundo continua. Como continuou até agora. Como continuará depois de nós dois. Basílio — eu quero ter filhos. Quero envelhecer com você. Quero discutir Bernanos à mesa do jantar e brigar sobre a temperatura do ar-condicionado e ir à missa das dez com o Padre Aldo e depois tomar café num lugar ruim e achar que a vida é boa. A voz não tremeu, que era o mais cruel. Isto é o que quero. E não consigo querer ao mesmo tempo que você salva o mundo de uma conspiração de quinhentos anos. As duas coisas não cabem na mesma vida.

O silêncio que veio depois tinha a densidade específica das coisas ditas sem volta.

Liguei o carro. Não porque houvesse para onde ir — apenas porque o movimento mecânico do motor oferecia a ilusão de que alguma coisa, ao menos, avançava.

Vou pensar no que você disse, disse eu.

Ela não respondeu. Olhou pela janela com a expressão de quem já sabe o resultado de um pensamento que ainda não foi pensado.

E tinha razão, como sempre tinha. Pensei. E não mudei nada.

Que Deus a perdoe por ter me amado. E que me perdoe a mim por ter achado que merecia.

3

Há uma qualidade específica no silêncio de uma casa de onde alguém foi embora. Não é o silêncio comum, que é apenas ausência de som — é um silêncio com volume, com peso, com a presença densa e irritante de uma ausência que não teve a delicadeza de ser completa. Os objetos de Vera ainda estavam em toda parte: um cachecol esquecido no gancho da entrada, um batom sem tampa sobre a prateleira do banheiro, três livros seus empilhados na mesinha de cabeceira com os marcadores ainda dentro, como se ela houvesse saído apenas para buscar algo e fosse voltar antes que a página esfriasse. Não ia voltar. Mas os objetos não haviam sido informados.

Passei os primeiros dias neste silêncio volumoso com a dignidade miserável dos homens que aprenderam que o luto funcional exige ocupação das mãos. Organizei papéis. Reli o caderno. Tomei café em quantidade que um cardiologista classificaria de declaração de intenções suicidas. Dormi pouco e mal, com aquele sono raso e desconfiado de quem não se permite abandonar completamente a consciência porque sente, sem saber nomear, que o abandono seria irreversível.

Foi na quarta noite que começou.

Não de uma vez — devo ser exato nisto, porque a exatidão é a única armadura que me resta contra a interpretação fácil. Não foi um evento. Foi uma convergência. Três coisas distintas, em três registros diferentes, que se tocaram com a mesma delicadeza seca dos três fósforos no café de fórmica — e produziram o mesmo incêndio silencioso.

A televisão foi a primeira.

Eu não costumo assistir televisão. Vera assistia — os noticiários das dez, certos documentários, uma ou outra série que ela acompanhava com a atenção disciplinada que dedicava a tudo. Sem ela, o aparelho ficara apagado por dias, um retângulo negro e inerte na parede da sala como um luto eletrônico. Naquela noite liguei-o sem propósito, pelo mesmo instinto que leva o homem solitário a ligar o rádio do carro: não para ouvir, mas para ter a ilusão de que algo no mundo ainda funciona.

O noticiário estava no meio. Uma âncora de cabelos lacados narrava, com a urgência fabricada do ofício, uma crise financeira em algum país do leste europeu. Nomes de cidades. Números. Porcentagens. Eu não ouvia — olhava, que é diferente, com os olhos presentes e a atenção em outro lugar.

Até que ouvi a data.

Não vou reproduzi-la aqui por razões que o leitor prudente compreenderá. Direi apenas que era uma data que constava no caderno — não como evento noticiável, mas como ponto de convergência de quatro ocorrências distintas que eu havia documentado ao longo de três meses de pesquisa. Uma data que, segundo minha análise, marcava o início de um ciclo. Uma data que, segundo a lógica da orquestra invisível, tinha um significado que nenhum economista de terno cinza num estúdio de televisão poderia compreender, ainda que passasse a vida tentando.

Sentei-me.

A âncora continuou. Mencionou um nome — um nome de organização financeira, um acrônimo de quatro letras que eu também conhecia, que também constava no caderno, que também se encaixava na cadência com a precisão incômoda de uma chave numa fechadura que não deveria existir. Depois mencionou outro. Depois uma cidade. Depois um número que era, ao mesmo tempo, um ano e uma referência talmúdica que o Rebe Mordechai havia aludido — sem explicar, com aquela parcimônia de quem mede o que revela com a balança do ourives — na noite do sobrado ocre.

Levantei-me. Fui buscar o caderno. Voltei.

Eram correspondências demais para o acaso absorver sem protestar. Anotei tudo com a letra apressada e inclinada das anotações de urgência, aquela letra que Vera chamava de minhocário ansioso e que eu nunca corrigi porque no fundo achava que ela tinha razão.

O noticiário acabou. Veio um intervalo comercial com uma música idiota. Apaguei a televisão.

Fiquei sentado no escuro por um tempo.

Depois religuei. Não havia mais noticiário — era um programa de auditório, palmas enlatadas, um apresentador de dentes demasiado brancos. Apaguei de novo.

A questão que ficou flutuando no silêncio volumoso da sala como fumaça depois do fogo, não era o que significa isto. Era uma pergunta anterior, mais incômoda, que eu precisei algum tempo para formular com a honestidade que merecia: eu ouvi o que ouvi, ou ouvi o que precisava ouvir?

Não respondi. Fui dormir. O caderno ficou aberto sobre a mesa.

A ligação veio às duas e quarenta e três da manhã.

Sei o horário com precisão porque olhei o relógio ao acordar com o toque — aquele olhar involuntário para o mostrador que o corpo executa antes que a mente esteja presente, um reflexo de sobrevivência ou de ansiedade, tanto faz. Dois e quarenta e três. O número do chamador era desconhecido. Não um número oculto — um número exibido, completo, com código de área que não reconheci imediatamente.

Atendi.

Silêncio. Não o silêncio vazio das ligações erradas ou dos telemarketings abandonados — havia algo do outro lado. Uma textura sonora, difícil de descrever sem soar como o tipo de pessoa que eu me recuso terminantemente a ser: algo entre respiração e estática, entre presença orgânica e interferência técnica. Como se alguém estivesse do outro lado da linha dentro de um ambiente com sua própria acústica — um cômodo fechado, talvez, ou um corredor, ou um lugar cujas paredes absorviam o som de modo diferente do normal.

Alô, disse eu. A palavra saiu mais mansa do que pretendia.

A textura continuou. Não aumentou, não diminuiu. Permaneceu com a constância plana de algo que não estava acontecendo, estava sendo.

Fiquei na linha por — verifico agora no registro do celular — quatro minutos e dezessete segundos. Em algum momento, perto do final, a textura mudou por um instante. Não sei como chamar o que ouvi. Não era voz. Não era música. Era uma

cadência — uma sequência rítmica de sons graves que durou talvez três segundos e depois voltou à textura anterior. Como se alguém, do outro lado, houvesse recitado uma única linha de algo e depois se calado.

A ligação caiu.

Fiquei com o telefone na mão no escuro do quarto, com o coração exercendo sua função com uma ênfase que eu teria preferido dispensar, e pensei: isto pode ser qualquer coisa. Número errado, interferência técnica, algum perturbado noturno de área desconhecida. Pensei isto com seriedade, com a aplicação genuína do cético que ainda morava em algum andar subsolo de mim mesmo e se recusava a evacuar o edifício.

Depois peguei o caderno e anotei a cadência rítmica da melhor forma que consegui — três traços longos, dois curtos, um longo — porque o cético do subsolo pode ter suas opiniões, mas o documentarista do andar de cima não deixa nada passar.

Voltei a dormir às quatro e onze. Ou fingi que voltei, que talvez seja a mesma coisa.

Os objetos foram os mais difíceis de narrar. Não porque o que aconteceu com eles fosse mais extraordinário que as outras duas coisas — não era, objetivamente. Mas porque a natureza dos objetos deslocados tem um caráter de acusação que as outras manifestações não têm. Um noticiário pode ser coincidência. Uma ligação pode ser engano. Um objeto no lugar errado é pessoal. Implica intenção. Implica que alguém esteve aqui e quis que eu soubesse.

O caderno estava sobre a mesa quando adormeci. De manhã, estava sobre a escrivaninha do quarto. Seis metros de distância, uma porta, dois cômodos.

Devo registrar aqui, com o escrúpulo do cronista que não pode se dar ao luxo da imprecisão: não me lembro de ter levado o caderno para o quarto. Também não me lembro de não o ter feito. O sono das últimas semanas tinha a consistência esponjosa e pouco confiável dos estados fronteiriços — eu adormecia sem perceber

e acordava sem saber exatamente de onde vinha. Era possível, concedia o cético do subsolo, que eu houvesse levado o caderno no sonambulismo específico do exausto.

Era possível.

Na tarde do mesmo dia, o batom de Vera — aquele batom sem tampa sobre a prateleira do banheiro, que eu não havia tocado em dias por uma espécie de superstição doméstica dos recém-abandonados — estava no chão, a meio metro da prateleira, com a ponta encostada no rejunte do piso como se houvesse rolado por ali com propósito.

Peguei. Examinei. Recoloquei na prateleira.

Na manhã seguinte, estava no chão novamente. No mesmo lugar. Com a ponta no mesmo rejunte.

Desta vez não peguei. Fotografei. Deixei ali.

Dois dias depois, quando voltei ao banheiro com a intenção de documentar novamente, o batom havia desaparecido. Não estava no chão, não estava na prateleira, não estava em lugar nenhum que uma busca razoável do apartamento pudesse encontrar. Sumiu com a discrição absoluta das coisas que nunca deveriam ter existido.

Anotei tudo. Fotografei o espaço vazio onde estivera. Continuei.

Compreendo o que o leitor está fazendo neste momento. Estou dentro de um livro e ainda assim consigo sentir — com a percepção extrassensorial específica dos narradores que foram diagnosticados — o movimento mental do leitor ao ler estas páginas. Ele está organizando as evidências. Está construindo, com os tijolos que fui fornecendo, duas arquiteturas paralelas: a da conspiração real e a do colapso gradual. Está verificando qual das duas sustenta mais peso sem rachar.

É exatamente o que eu fazia.

A diferença é que eu vivia dentro da construção enquanto testava a estrutura. O leitor tem o privilégio da distância. Eu não tinha. Tinha apenas o caderno, o apartamento silencioso, a tevê que às vezes dizia coisas demais, o telefone que às

vezes tocava de lugares que não existiam, e os objetos que se comportavam com a autonomia perturbadora das coisas que foram tocadas por mãos que não eram as minhas.

E tinha, devo admitir, um estado mental que eu descreveria como hiperalerta lúcido — uma condição em que tudo parece extraordinariamente nítido e extraordinariamente significativo ao mesmo tempo, em que os padrões emergem das superfícies das coisas com a espontaneidade das imagens nas nuvens, mas com uma precisão que as nuvens não têm. É uma condição que conheço bem. É uma condição que, soube depois, tem nome técnico em pelo menos três manuais de psiquiatria que prefiro não citar.

Mas no momento em que a vivia, ela se chamava clareza.

Na sétima noite, o telefone tocou às duas e quarenta e três novamente. Mesmo número desconhecido. Mesma textura sonora. Mesma cadência rítmica perto do fim — desta vez mais longa, quatro linhas em vez de uma, como se o recitador do outro lado houvesse avançado no texto.

Desta vez, antes de atender, fiz algo que não havia feito na primeira ligação: liguei o gravador do celular.

Atendi. Gravei os quatro minutos e onze segundos inteiros — desta vez durou menos, ou talvez eu houvesse perdido a noção do tempo de outro modo. Quando a ligação caiu, ouvi a gravação imediatamente.

A textura estava lá. Nítida, inconfundível.

A cadência também estava. Quatro linhas de sons graves, com os intervalos que eu havia anotado, com a mesma assinatura rítmica.

Ouvi três vezes. Na terceira, percebi algo que não havia percebido ao vivo: entre a segunda e a terceira linha da cadência, havia uma palavra. Uma palavra humana, em língua humana, suficientemente audível para não ser interpretação. Suficientemente breve para não ser certeza absoluta.

A palavra era um nome.

O meu nome.

Basílio.

Desliguei a gravação. Fiquei sentado na beira da cama com o celular nas mãos e o coração comunicando sua opinião sobre a situação de modo bastante eloquente. Depois, com a calma artificial dos momentos em que a alternativa à calma é inaceitável, abri o caderno e escrevi: Dia 7. 02h43. Confirmação de contato. Sabem onde estou.

Fechei o caderno.

Fui à cozinha. Fiz café. Bebi em pé, encostado na pia, olhando pela janela a rua silenciosa do bairro hostil e odioso às três da manhã, com suas calçadas esburacadas e seus postes de luz amarela que iluminavam o nada com a dedicação inútil dos funcionários públicos mais honestos.

Pensei em Vera. Pensei no que ela diria se estivesse aqui — não a Vera exasperada do carro depois da missa, mas a Vera de antes, a que lia o caderno naquela manhã e precisou ligar o rádio para parar. Aquela Vera teria dito, com a lucidez que era seu dom e sua maldição: Basílio. Ou eles sabem onde você está, ou você está precisando que saibam. E não sei o que é mais assustador.

Teria dito isso. E eu não teria sabido responder.

Ainda não sei.

O noticiário da semana seguinte trouxe uma reportagem sobre um incêndio num arquivo histórico em Lisboa. Documentos do século XVI destruídos. O repórter mencionou, *en passant*, o nome do convento ao qual o arquivo pertencia — um nome que constava no caderno como ponto de origem de uma das linhagens que eu havia traçado. Um fio que agora, literalmente, queimara.

Apaguei a televisão antes que o repórter terminasse a frase.

Fiquei olhando para o retângulo negro na parede.

Havia duas interpretações disponíveis, e eu as conhecia de cor: a primeira dizia que o incêndio era mensagem, aviso, apagamento deliberado de evidência; a segunda dizia que arquivos históricos pegam fogo o tempo todo, que Lisboa é uma cidade antiga com infraestrutura precária, que a menção do convento era coincidência numa série de coincidências que eu mesmo havia fabricado com o artesanato obsessivo dos que precisam de costura onde há apenas tecido solto.

Conhecia as duas. Podia argumentar pelas duas com igual competência.

O problema — o problema real, o que me mantinha acordado com o coração eloquente às três da manhã — não era qual das duas era verdadeira.

Era que eu não conseguia mais distinguir o momento em que uma se tornava a outra.

Liguei para o Padre Aldo uma vez, naqueles dias. Uma vez apenas — por cautela, por protocolo, pelo senso de operação compartilhada que me mantinha na ilusão reconfortante de que havia método naquilo tudo.

O telefone chamou sete vezes. Na oitava, atendeu uma voz que não era a do padre. Era uma voz jovem, de homem, com o sotaque neutro dos que aprenderam a não ter sotaque — Paróquia de São Benedito, boa tarde — e eu desliguei sem dizer nada.

Chamei de volta cinco minutos depois. Desta vez atendeu o padre. A voz dele tinha a qualidade que eu conhecia — grave, mansa, com aquela lentidão medida de quem pensa antes de cada palavra — mas havia nela algo diferente. Uma tensão subjacente, como corda de instrumento afinada um meio-tom acima do normal: tecnicamente funcional, mas com uma vibração que não pertencia ao timbre usual.

Padre Aldo. Sou eu.

Sei quem é, disse ele. Pausa. Como está se sentindo?

A pergunta me deteve. Não era a pergunta operacional que eu esperava — o material chegou, o contato foi feito, os próximos passos são estes. Era uma pergunta pessoal. Uma pergunta de médico.

Estou bem. Precisava saber se—

Basílio. A voz baixou. Ficou mais mansa ainda, com aquela mansidão que não é fraqueza, é seu oposto diametral — é a voz de quem não precisa de volume porque o que tem a dizer já tem peso suficiente. Você está dormindo?

Padre, preciso saber se o material—

Você está dormindo, repetiu. Não era pergunta. Era diagnóstico.

O silêncio que se seguiu tinha uma qualidade que reconheci com desconforto: era o silêncio do quarto do padre, aquela terceira coisa sem nome honesto, transportada pelo fio telefônico com fidelidade perturbadora.

O senhor sabe de alguma coisa, disse eu. Sabe e não está me dizendo.

O que eu sei, disse ele, com uma lentidão que pesava cada palavra antes de soltá-la, é que há muitos modos de um homem se perder. Alguns são ruidosos. Outros são muito, muito silenciosos. Pausa. Cuide-se, bom rapaz.

A ligação terminou.

Fiquei com o telefone na mão por um tempo. Bom rapaz. De novo. A mesma despedida do quarto enfumaçado, a mesma escolha de palavras que não era pastoral nem operacional, mas era outra coisa — aquela terceira coisa cujo nome eu ainda não havia encontrado e que agora, às três de um dia sem nome numa casa de silêncio volumoso, começava a me parecer menos misteriosa e mais cruel do que nunca.

Abri o caderno. Escrevi: Aldo sabe. Ou sabe que eu sei. Ou sabe algo sobre mim que eu não sei.

Fechei. Fui dormir.

Ou fui deitar. A distinção, naquelas semanas, havia deixado de ser relevante.

A última coisa que registrei antes de — antes do que veio depois, que não cabe neste momento mesmo que sua sombra já se projete sobre tudo — foi um sonho. Registro-o aqui não porque sonhos sejam evidências, que não são, e qualquer pessoa com formação elementar em epistemologia concordaria comigo. Registro porque

este sonho tinha uma propriedade que os outros não tinham: quando acordei dele, não sabia que havia sido sonho.

Levei quarenta minutos para entender que o Rebe Mordechai não havia estado no meu apartamento durante a noite. Que as chamas da *menorá* não haviam projetado sombras nas paredes do meu quarto. Que a frase que ele havia dito — em hebraico, língua que não leio e não falo, mas que no sonho entendia com a fluência natural das línguas nativas — não havia sido dita em voz alta num lugar real.

A frase era: A argila está pronta. Falta apenas a letra.

Quarenta minutos para entender que havia sido sonho.

E depois, com a honestidade incômoda que é a única coisa que me resta: não tenho absoluta certeza de que havia sido.

Vera ligou uma vez, naquele período. Uma única vez, num sábado à tarde, com aquela voz dela de antes — não a do carro depois da missa, não a das discussões finais, mas a voz dos primeiros anos, a que eu havia amado antes de aprender que o amor não é proteção contra nada.

Só liguei para saber se você está bem, disse ela. Não precisa dizer mais que isso.

Estou bem, disse eu. E acrescentei, porque havia naquele momento uma abertura que eu não estava generoso o suficiente para desperdiçar: Você estava certa sobre algumas coisas.

Silêncio breve. Depois: Sobre quais?

Não sei ainda. Mas estava.

Ela ficou quieta por um momento com a qualidade específica do silêncio de quem está decidindo se chora ou não chora e decide que não.

Cuida-te, disse por fim. E desligou.

Cuida-te. A terceira pessoa a usar estas palavras comigo naquelas semanas. Mordechai. O Padre Aldo. Vera.

Três pessoas que sabiam coisas diferentes sobre mim.

Três pessoas que haviam chegado, por caminhos completamente distintos, à mesma conclusão.

Eu deveria ter ouvido. Deveria ter entendido o que havia em comum entre um talmudista de chamas imóveis, um sacerdote de joelhos gastos e uma mulher inteligente e exasperada que me havia amado até onde conseguiu.

Não ouvi. Não entendi.

Continuei. Como sempre continuei. Com a ardência específica, e a cegueira específica, de quem não tem mais nada além disso.

4

Existe uma espécie de morte que não figura nos obituários e que os médicos legistas, aqueles escrivães torporosos da finitude alheia, não sabem nem poderiam certificar: a morte por escritório. Não confundir com o tédio, que é uma condição romântica e até certo ponto nobre, cultivada com distinção por Baudelaire e por toda sorte de almas que se recusam ao eficientismo pateta da modernidade. O escritório mata de outro modo — por acumulação meticulosa de insignificâncias, por sedimentação de mediocridades que vão se depositando sobre a alma como calcário sobre cano, até que a passagem de qualquer coisa viva se torna, simplesmente, impossível.

Trabalho — trabalhava, corrijo: o presente perfeito aqui é uma mentira de conforto — numa empresa de consultoria cujo nome não merece figurar nestas páginas, pois nomes conferem existência e esta entidade já consumiu existência suficiente da minha. Digamos apenas: era o tipo de empresa que usa a palavra sinergia sem ironia e que pendura nas paredes frases motivacionais atribuídas a Einstein que Einstein jamais disse, numa demonstração involuntária e perfeita de que a falsidade, quando bem emoldurada, passa por sabedoria sem dificuldade.

Minha função tinha um título que requeria três substantivos e um adjetivo para ser pronunciado e que, na prática, significava: leia documentos que ninguém mais quer ler e escreva relatórios que ninguém lerá sobre o que leu. Exercia esta função com a competência suficiente para não ser demitido e a insuficiência deliberada de quem recusa transformar em vocação aquilo que é apenas fonte de renda. Havia, neste equilíbrio precário, uma dignidade que os mais ambiciosos de meus colegas jamais compreenderiam — e que eu, naqueles dias de depois de Vera e de antes do que veio depois, havia quase inteiramente perdido.

Antes — muito antes, quando o caderno ainda tinha páginas em branco e Vera ainda dormia do meu lado com a regularidade tranquila dos que não carregam segredos:

A conferência foi anunciada com três semanas de antecedência por um e-mail corporativo redigido no idioma específico das comunicações internas — aquela

língua sem sujeito e sem vergonha que usa o passivo para apagar responsabilidades e o gerúndio para fingir movimento onde há apenas estagnação. Estaremos recebendo o empresário Mordechai R., referência no setor siderúrgico nacional e internacional, para uma conversa sobre liderança, inovação e o futuro dos mercados emergentes. Notei o nome. Não pelo nome em si — Mordechai era incomum, mas não extraordinário num país de nomes bíblicos ressignificados — mas pela inicial que o acompanhava. Uma inicial que constava no caderno, ainda incipiente naquele momento, com três ocorrências documentadas em contextos distintos que eu havia agrupado sob a rubrica provisória de coincidência a investigar.

Fui à conferência pelo mesmo motivo que fazia qualquer outra coisa naquele escritório: porque era mais fácil ir do que explicar por que não ir.

A sala estava disposta com a afetação habitual das empresas que confundem estética com competência: cadeiras de design escandinavo em fileiras retas, uma mesa comprida ao fundo com café e água com gás e frutas cortadas que ninguém tocaria, um telão com o logotipo da empresa pulsando em loop com a persistência inútil dos símbolos que perderam o significado, mas ainda não foram informados. Meus colegas chegaram em grupos, com aquela sociabilidade de corredor que é a forma mais eficiente de não dizer nada a ninguém durante anos consecutivos. A gerente — uma mulher de eficiência clínica e sorriso de protocolo que havia ascendido na hierarquia pela virtude específica de nunca ter uma opinião inconveniente, digna de alguém que merece o excelso poder de demissão absoluta — circulava com a ansiedade contida dos anfitriões que sabem que o convidado principal importa mais do que tudo que ela própria já fez na vida.

Mordechai R. entrou sem anúncio.

Devo registrar isto com precisão: não houve fanfarra, não houve apresentação preliminar, não houve o ritual de importância que os homens importantes costumam exigir como tributo ao próprio ego. Entrou como quem conhece o espaço — com a familiaridade mansa de quem já esteve em mil salas iguais e compreendeu, há muito, que todas são a mesma sala. Vestia um terno escuro de corte sóbrio, sem a ostentação dos novos-ricos nem a afetação dos velhos-ricos, apenas o corte correto de quem aprendeu que a verdadeira autoridade não precisa

de ornamento. Os *payot* estavam lá — discretos, contidos, mais curtos do que eu veria depois no sobrado ocre — e o chapéu havia ficado na entrada, entregue a alguém com um gesto que não era arrogância. Era definitivamente a ausência de qualquer dúvida sobre o fato de que o gesto seria executado.

Sentei-me na terceira fileira. Centro.

Ele falou por quarenta minutos sobre mercados, sobre ciclos econômicos, sobre a siderurgia como metáfora da resistência histórica — o ferro que dobra sem quebrar, que aceita o calor como condição de transformação, não como destruição. Falou bem. Falou com aquela dicção que não é eloquência performática. É precisão — cada frase com seu peso exato, cada pausa no lugar certo, como se houvesse ensaiado não o conteúdo, mas o ritmo, e o ritmo fosse, ele mesmo, uma mensagem separada do conteúdo.

Vinte minutos dentro da fala, ele usou uma data.

Uma data que constava no caderno.

Agora — dias depois do último encontro com Rebe, do telefone e do batom e do sonho que levou quarenta minutos para ser reconhecido como sonho:

Voltei ao escritório numa terça-feira com a determinação fabricada dos que sabem que a alternativa ao movimento é o colapso, e que o colapso, naquele momento, seria irreversível. Vera havia levado os últimos objetos no fim de semana — o cachecol, os livros, e o batom havia desaparecido antes dela, com a discrição absoluta que já documentei. O apartamento estava tecnicamente limpo de ausência. Praticamente, era ausência do chão ao teto.

A gerente me olhou quando entrei com a expressão específica dos superiores que percebem a deterioração de um subordinado e calculam, num décimo de segundo, se a deterioração atingiu o limiar de problema administrativo. Concluiu que não. Sorriu com a eficiência de protocolo. Continuei.

Minha mesa ficava numa fileira central do *open space* — aquele modelo de escritório que os consultores de produtividade venderam às empresas como estímulo à colaboração e que na prática é um instrumento de vigilância mútua

contínua, onde todos veem todos e ninguém pode pensar sem que o pensamento seja observado. Sentei. Abri o computador. Os e-mails tinham se acumulado com a indiferença prolífica das correspondências que não dependem de ninguém para existir.

Foi às onze e dezessete — sei porque olhei o relógio ao sentir a mudança, com o mesmo reflexo involuntário do toque telefônico às duas e quarenta e três — que percebi a movimentação na sala de reuniões ao lado. A sala de reuniões tinha paredes de vidro, como todas as salas de reuniões de empresas que acreditam que a transparência arquitetônica produz transparência organizacional, que é uma das ilusões mais persistentes e mais convenientes do capitalismo contemporâneo.

Através do vidro, vi a gerente. Sentada, com aquele sorriso de protocolo amplificado ao modo visita importante. E do outro lado da mesa, de costas para mim, um homem de terno escuro e ombros que eu reconheci antes de reconhecer.

Parei de digitar.

Antes — a conferência, vinte e três minutos depois da data que constava no caderno:

Ele havia continuado a falar sobre ciclos. Sobre a regularidade dos colapsos históricos. Sobre como certas estruturas — financeiras, eclesiásticas, políticas — resistem não pela força, suportam pela invisibilidade: o que não pode ser visto não pode ser combatido, e o que não pode ser combatido eventualmente é confundido com a ordem natural das coisas.

Foi neste momento que ele olhou para mim.

Não para a plateia — para mim. Com a especificidade inconfundível de um olhar que escolheu seu destino antes de partir. Os olhos castanhos tão escuros que a pupila se perdia na íris. Um segundo. Dois. Depois voltou ao telão, ao ponteiro laser, ao gráfico de barras que ilustrava alguma coisa sobre exportações.

Meu vizinho de cadeira não havia percebido. A gerente, na primeira fila, tomava notas com aplicação de estudante. Os demais colegas estavam no estado

semi-hipnótico específico das palestras corporativas obrigatórias — presentes no corpo, ausentes em tudo o mais.

Só eu havia recebido aquele olhar.

Ou — e aqui devo inserir a ressalva com a honestidade que a situação exige — só eu havia notado. O que não é a mesma coisa, e a diferença entre as duas versões é exatamente o abismo no qual este relato enerve inteiro habita.

Continuei ouvindo. Ele usou mais duas expressões que constavam no caderno — não as datas, desta vez, mas conceitos. Formulações específicas que eu havia encontrado em textos que não eram de circulação corporativa. Textos que um magnata siderúrgico não teria razão de conhecer. Textos que um magnata siderúrgico que fosse o que eu suspeitava que ele era teria razão específica de citar, num escritório qualquer, diante de uma plateia que não compreenderia, para um único ouvinte que compreenderia.

Para mim.

No fim da conferência, enquanto os colegas formavam a fila instintiva dos que querem apertar a mão do importante, um homem jovem — assistente, pela postura, pelo terno um grau abaixo no corte — se aproximou de mim com o sorriso neutro dos intermediários profissionais e disse, em voz baixa, que o Sr. Mordechai gostaria de convidá-lo para um encontro informal, só para alguns, na semana seguinte, num endereço que forneceu num cartão sem logotipo e sem nome de empresa, apenas um endereço e um horário impressos em tipografia que eu não reconheci mas que tinha qualquer coisa de arcaico na serifagem das letras.

Peguei o cartão.

O assistente já havia se virado para outra direção antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa.

Agora — onze e dezenove da manhã, dois minutos depois de ter parado de digitar:

Ele virou a cabeça.

Não o corpo — apenas a cabeça, com aquela rotação mínima e deliberada de quem sabe exatamente o ângulo necessário para encontrar o que procura. Os olhos castanhos através do vidro. A mesma especificidade inconfundível de um olhar que escolheu seu destino antes de partir.

Eu soube, naquele instante, que não era coincidência. Que ele estava ali por mim. Que a conferência e o cartão e o sobrado ocre e as ligações às duas e quarenta e três e o sonho do hebraico que entendia com fluência nativa e o batom que sumiu e o caderno que se movia — tudo era uma cadência. Uma sequência com assinatura. Uma mensagem redigida ao longo de meses em múltiplos registros para um único leitor.

Para mim.

Basílio.

Ouvi meu nome. Não do vidro — de dentro. Da mesma qualidade sonora da ligação, aquela textura entre respiração e estática. Olhei ao redor. Minha colega mais próxima digitava sem me ver. O *open space* continuava com seu ruído de fundo de teclas e ar-condicionado e conversas em volume de escritório. Ninguém havia dito nada.

Olhei de volta para a sala de vidro.

Mordechai havia virado a cabeça de volta para a gerente. Ela ria de algo — aquele riso de protocolo amplificado, os dentes todos como um para-choque de limosine, a cabeça levemente inclinada. Normal. Banal. Uma reunião de negócios.

Fechei os olhos por um momento.

Quando os abri, a sala de vidro estava vazia. A gerente estava de volta à mesa dela, a cinco metros de mim, digitando. Não havia terno escuro. Não havia *payot*. Não havia ninguém.

Fui ao banheiro. Molhei o rosto. Me olhei no espelho — não com o pavor do espelho da farmácia, desta vez, mas com a atenção clínica de quem tenta diagnosticar a própria expressão. O homem que me olhava de volta tinha olheiras

que eu não havia documentado no caderno. Tinha a expressão específica — e aqui preciso ser honesto com a honestidade que é a única coisa que me resta — de alguém que não sabe mais o que viu.

Voltei à mesa. Continuei digitando.

Não perguntei à gerente se havia tido uma reunião. Não perguntei a nenhum colega se haviam visto alguém na sala de vidro. A razão que me dei, naquele momento, foi operacional: cautela, não revelar o que sei, não alertar ninguém. A razão que reconheço agora, com a distância que só o *afterwards* concede, era outra: eu tinha medo da resposta.

Antes — o encontro na semana seguinte ao cartão, num apartamento de bairro nobre que não era o sobrado ocre, mas um lugar diferente, anterior, onde havia outras pessoas além de Mordechai:

Éramos sete. Não sei se o número era deliberado — sete, o número dos braços da *menorá*, o número dos dias da criação, o número que em certas tradições marca a completude antes do reinício. Pode ter sido acidente. Com Mordechai, aprendi a desconfiar dos acidentes.

Os outros cinco eu não havia visto antes e não voltaria a ver depois — rostos que a memória guardou com a imprecisão específica dos rostos que não deveriam ser lembrados. Um deles era mulher, de meia-idade, com o ar de quem carrega erudição como outros carregam bagagem de mão: sempre presente, discretamente pesada. Os demais eram homens em idades variadas, com a característica comum de não terem características comuns — o tipo de grupo que, numa outra narrativa, seria descrito como diverso, e que nesta narrativa era, simplesmente, escolhido.

Mordechai não presidia — estava apenas presente, o que era suficiente para que tudo se organizasse ao redor de sua presença com a naturalidade dos corpos celestes em torno de uma massa gravitacional. Falou pouco. Fez perguntas.

As perguntas eram do tipo que só fazem sentido se quem pergunta já conhece parte da resposta e quer verificar se você conhece a outra parte. O que sabe sobre os

eventos de tal período? Como interpreta a relação entre tal instituição e tal outra? Qual é, na sua leitura, o fio condutor?

Respondi. Com a precisão do caderno, com a cadência dos padrões, com a arquitetura que eu havia construído ao longo de meses de pesquisa solitária que Vera chamava de obsessão e que eu chamava de método.

Mordechai ouvia com os olhos fechados. No final de cada resposta, abria-os por um instante — aquela opacidade castanha sem fundo — e passava à pergunta seguinte sem comentário, sem aprovação, sem nenhuma das validações que o ego esperaria de um examinador. Era uma entrevista que não pretendia ser entrevista, conduzida por alguém que já tinha o resultado e estava apenas verificando o caminho.

No fim, quando os outros cinco haviam partido com a discrição sequencial dos que sabem que não devem sair juntos, Mordechai ficou. E o assistente do cartão sem logotipo ficou. E eu fiquei, porque ninguém me havia dito que podia ir e porque havia, naquele apartamento de bairro nobre, algo que prendia — não ameaça, não coerção, mas a gravidade específica das situações que não podem ser desfeitas por simples decisão de sair.

Você conhece o Padre Aldo Xavier, disse Mordechai. Não era pergunta.

Frequento sua paróquia, disse eu.

Mais que isso, disse ele, com aquela parcimônia de quem mede cada revelação com a balança do ourives. Você o conhece. E ele conhece você. Há entre vocês uma qualidade de entendimento que é rara entre homens de formações tão distintas.

Não respondi. Era verdade — Aldo e eu havíamos tido conversas que ultrapassavam o âmbito paroquial, conversas de ideias, de história, de teologia política, conversas que Vera, ao ouvir de minha boca, compreendia com o silêncio paciente de quem respeita sem partilhar. Mas como Mordechai sabia disto era uma pergunta que preferi não fazer em voz alta.

O padre é um homem de Deus, continuou, no sentido mais literal e mais perigoso da expressão. Conhece coisas que não deveriam ser conhecidas por homens de sua posição. E você — uma pausa calibrada — você é o único vínculo entre o que ele sabe e o que nós sabemos. O único ponto de intersecção entre dois mundos que não se tocam diretamente.

Por que eu?

A pergunta saiu antes que eu pudesse avaliá-la. Mordechai a recebeu sem surpresa — com a expressão de quem esperava exatamente esta pergunta neste momento.

Porque você procurou, disse. A maioria das pessoas que tropeça no que você tropeçou recua. Fecha o caderno. Liga o rádio. Faz café e decide que a vida doméstica é suficiente. Uma pausa. Você não recuou.

Não mencionou o caderno por acidente. Não havia acidentes.

E porque sua alma, continuou, com aquela qualidade que, mais do que elogio, era constatação, tem a textura específica das almas que carregam verdades que as destroem. É uma textura rara. E útil.

Útil. A palavra pousou com o peso de um objeto pesado num piso de madeira fina.

Não perguntei: útil para quê. Porque parte de mim — a parte que havia construído o caderno, que havia alinhado os padrões, que havia feito o incêndio a partir dos três fósforos — já sabia. E outra parte, mais funda, mais quieta, a parte que Vera havia amado e que o escritório havia tentado calcificar, essa parte sabia outra coisa, uma coisa que não conseguia ainda formular, mas que existia, pronta, esperando o momento certo para ser pensada.

O assistente me entregou um envelope. Dentro, havia instruções. E o início de tudo.

Agora — final da tarde da mesma terça-feira, *open space*, ar-condicionado, teclas:

A gerente passou pela minha mesa às dezessete e quarenta e dois e disse, com o sorriso de protocolo em modo encerramento do expediente: Boa noite, Basílio. Descansa um pouco esse fim de semana, hein? Você está com uma carinha.

Uma carinha, repeti, para ninguém.

Fiquei mais vinte minutos. Fingi trabalhar — não, trabalhei, porque a diferença entre fingir e fazer havia se tornado, naquelas semanas, tão tênue quanto a diferença entre dormir e deitar. Fechei o computador. Peguei a mochila.

Ao passar pela sala de vidro, parei.

A sala estava vazia e limpa — as cadeiras alinhadas com a geometria satisfeita dos espaços que não foram usados, o quadro branco imaculado, nenhum vestígio de terno escuro ou de *payot* ou de olhar castanho sem fundo. Apenas o reflexo do *open space* na superfície do vidro, e dentro deste reflexo, em escala reduzida e invertida, eu mesmo — mochila nas costas, olheiras que não havia documentado, expressão de alguém que não sabe mais o que viu.

Fiquei olhando para este homem pequeno e invertido no vidro por um tempo.

Depois saí.

Do lado de fora, o mesmo ar da cidade que sempre foi, com o mesmo cheiro de asfalto e de fim de tarde e de pessoas que estão indo para lugares que não escolheram. Acendi um cigarro. A brasa ardeu na primeira tentativa.

Útil, havia dito ele. Alma com textura de quem carrega verdades que destroem.

Pensei nisto enquanto andava. Pensei na diferença entre ser escolhido e acreditar que foi escolhido. Pensei em Vera dizendo “as duas coisas não cabem na mesma vida”. Pensei no padre dizendo “há muitos modos de um homem se perder”. Pensei no Rebe dizendo “uma argila que espera a letra certa para acordar” — uma intrincada tapeçaria, um caleidoscópio de impressões anuviadas, tudo o que precisava para encarnar esta interrogação atraente e quase mórbida.

Pensei em todos estes pensamentos simultaneamente, com a capacidade específica da mente que aprendeu a carregar múltiplas contradições sem resolvê-las — por necessidade, por treino, ou por aquilo que três manuais de psiquiatria chamariam de algo que prefiro não citar.

E no meio de tudo isto, com a clareza fria e perturbadora das conclusões que chegam quando a mente está exausta demais para resistir:

Não sabia se Mordechai havia estado na sala de vidro.

Não sabia se havia ouvido meu nome no *open space*.

Não sabia se a sala estava vazia quando passei ou se eu havia visto uma sala vazia porque era isto que precisava ver.

O que sabia — com a certeza que ainda me restava, que era menos do que antes e mais do que nada — era que havia começado naquele escritório estúpido, entre aquelas pessoas de piadinhas e sinergias e frases de Einstein falsamente emolduradas, com um homem de chapéu e *payot* e olhos sem fundo que ou me havia escolhido ou eu havia escolhido — e que a diferença entre estas duas versões era, talvez, a pergunta mais importante da minha vida.

E que eu não tinha resposta.

E que continuava andando mesmo.

5

Havia naquela praça a atmosfera equívoca dos lugares que existem para todos e não pertencem a ninguém — um daqueles espaços urbanos que a municipalidade instala com a boa intenção descuidada de quem acredita que bancos de cimento e palmeiras raquíticas são suficientes para produzir vida pública. As palmeiras estavam lá, raquíticas e resignadas. Os bancos também, com aquela dureza específica que inibe o descanso prolongado — projeto deliberado, aprendi depois, de arquitetos contratados para impedir que os miseráveis dormissem nos espaços que a cidade lhes oferecia como prêmio de consolação pela ausência de tudo o mais.

O Padre Aldo já estava sentado quando cheguei. Vestia o *clergyman* com a naturalidade de quem nunca precisou decidir o que usar, e segurava um volume pequeno de capa escura que fechou e guardou no bolso do casaco antes que eu pudesse identificar o título — gesto que interpretei, naquele momento, como discrição, e que interpreto agora como hábito de homem que sempre soube que havia coisas que não deveriam ser vistas por quem ainda não estava pronto para vê-las.

Vera havia ficado num café de fórmica na esquina oposta da praça. Quando me despedi dela na porta, ela disse apenas: me liga quando terminar, com o tom específico das pessoas que aceitaram uma situação sem aprovar, que é a forma mais generosa e mais extenuante de amor que existe. Eu a vi, da distância do banco, pela vitrine do café — uma silhueta sobre um livro, com o cappuccino fumegando ao lado, completamente presente num mundo paralelo ao que estava prestes a ser descrito para mim.

Uma criança passou correndo entre nós e os pombos. Os pombos levantaram com o escândalo desproporcional que os pombos dedicam a qualquer perturbação de sua ignomínia cotidiana, e se reassentaram três metros adiante com a solenidade de quem retoma um assunto sério. O padre os observou com aquela expressão de leve divertimento que os contemplativos reservam para os animais: uma admiração sem nostalgia, despojada de qualquer sentimentalismo que os diminuísse.

Obrigado por vir, disse ele.

Como se eu pudesse não ter vindo. Como se houvesse, para um homem como eu, naquele momento de minha vida, alguma alternativa razoável a sentar num banco de praça ao lado de um padre que havia marcado um encontro com aquela sobriedade de quem não marca encontros por acidente.

A sua benção, Padre.

Deus te abençoe. Uma pausa. Os olhos na praça — não em nenhum ponto específico, mas na praça inteira, como se a estivesse lendo. Você sabe por que te chamei aqui e não na sacristia.

Não era pergunta. Era o modo que Aldo tinha de poupar o interlocutor da necessidade de fingir que não sabia.

Sei, disse eu. E sabia: na sacristia havia paredes. E paredes, conforme aprendi naqueles meses de caderno e padrões e fósforos acesos em sequência, eram superfícies potencialmente porosas à atenção que não é olhar. Atenção, simples atenção.

Muito bem, disse ele, e havia neste muito bem a satisfação contida do professor que verifica que o aluno chegou sozinho a uma conclusão que não precisava ser ensinada. Então vamos falar de coisas antigas. Porque o que está acontecendo agora, acrescentou, com a lentidão de quem pesa o que diz antes de soltá-lo, começou há muito mais tempo do que você imagina. E para entender o presente, precisamos ir ao ponto em que o fio se partiu.

O fio, disse o Padre Aldo, partiu-se no Renascimento. Não porque o Renascimento fosse mau em sua totalidade — a bondade de Deus é suficientemente irônica para produzir beleza até mesmo nos projetos do inimigo — mas porque foi ali, naquele momento de euforia humanista e redescoberta clássica, que algo foi deliberadamente introduzido no seio da cristandade ocidental como cavalo de Troia doutrinário.

Um pombo pousou a nossos pés e examinou o cimento com a seriedade vã dos que procuram onde não há. O padre não o olhou.

Você conhece o círculo de Florença. A Academia Platônica de *Ficino*.

Cosimo de Médici. A tradução do *Corpus Hermeticum*, disse eu. O *Pimandro* chegando do Bizâncio pouco antes da queda de Constantinopla.

O padre me olhou de lado com aquela expressão que eu aprenderia a reconhecer como sua versão de aprovação — não elogio, que era coisa que ele dispensava como supérfluo, mas o reconhecimento seco de que a conversa poderia avançar sem precisar recuar para explicações elementares.

Precisamente. *Ficino* recebe o manuscrito e Cosimo lhe ordena que interrompa a tradução de Platão para traduzir primeiro o Hermes. Platão espera. O Hermes não pode esperar. Uma pausa. Por quê?

Porque Cosimo sabia o que continha, disse eu. Ou alguém lhe havia dito o que continha.

Alguém, confirmou o padre, com aquele tom que não confirma nem desmente mas deposita a palavra no espaço entre os dois como um objeto que ambos podem examinar. Aqui começa o que nos interessa. O *Corpus Hermeticum* não era apenas filosofia antiga — era um sistema. Um sistema de transformação da realidade por meio da linguagem, do símbolo, do número e da vontade. Uma gnose que havia sobrevivido ao longo de séculos em círculos que a Igreja havia mantido, com razão e com custo, à margem do pensamento cristão.

O Renascimento, continuou, foi a reintrodução deste sistema no coração da cultura europeia. Não como heresia declarada — os hereges declarados a Igreja sabia combater. Como ornamento. Como erudição. Como o verniz resplandecente da antiguidade sobre as fachadas das igrejas, das cortes, das universidades. E por baixo do verniz, imperceptível à maioria, a estrutura do pensamento mágico-cabalístico que havia migrado.

Migrado de onde, disse eu. Não era dúvida — era o gesto de quem quer ouvir a resposta dita em voz alta para verificar se corresponde ao que o caderno havia sugerido.

O padre cruzou as mãos sobre o joelho. Os pombos reassentaram mais próximos. Uma velha atravessou a praça com uma sacola de mercado e o passo vagaroso de quem não tem mais pressa de chegar em lugar nenhum.

Da Cabala, disse ele. Especificamente: dos círculos cabalísticos dissidentes que, após a expulsão de 1492, se dispersaram pela Europa com seus manuscritos e com seu conhecimento e com algo mais — uma orientação. Uma finalidade que não era religiosa no sentido que a palavra tem para nós, mas era religiosa no único sentido que lhes interessava: a reordenação do mundo segundo uma lógica que excluía o Logos encarnado como princípio organizador da realidade.

A supressão do Logos, disse eu. Jones.

Jones, confirmou o padre, com um aceno mínimo. O homem viu claramente. A modernidade não é o triunfo da razão sobre a superstição — é a substituição de uma ordem transcendente por outra. A diferença é que a nova ordem não se declara. Governa pelo anonimato. Pela aparência de neutralidade. Pela língua da técnica e do progresso que parece não ter teologia, mas é, ela mesma, uma teologia invertida.

A criança que havia perturbado os pombos havia voltado e estava agora tentando alimentar um deles com algo que parecia biscoito. O pombo avaliava a oferta com a desconfiança filosófica específica dos animais que sobreviveram à cidade. O padre observou a cena por um momento com aquele leve divertimento de antes.

A criança acha que o pombo quer o que ela tem, disse. O pombo sabe que a oferta tem custo. Que aceitar é comprometer-se com a presença de quem oferece. Voltou-se para mim. Os talmudistas de que estou falando não são os judeus que você conhece, Basílio. Não são os seus vizinhos, os seus colegas, os filhos de Abraão que rezam na sinagoga da rua tal e vivem as suas vidas com a mesma mistura de virtude e fraqueza de todo o resto da humanidade. Preciso que esta distinção seja absolutamente clara antes de continuarmos, porque o que vou dizer a seguir pode ser deformado por mentes menos cuidadosas numa direção que não é a verdadeira e que produz apenas ódio estéril, que é exatamente o que eles querem que produza.

Fiz que sim com a cabeça. Ele esperou um momento — não por dúvida, mas com aquela pausa deliberada de quem quer que o silêncio também seja ouvido.

O que existe, disse por fim, é algo que o Apocalipse chama com precisão terrível de sinagoga de Satanás. Não uma raça. Não um povo. Uma iniciação. Uma escolha de lealdade que pode ser feita por qualquer homem de qualquer origem, mas que foi historicamente gestada e preservada num substrato específico de esoterismo talmúdico que usou a estrutura da lei e da tradição como invólucro para algo que não é apenas "judaísmo" — é pura inversão deliberada. A instrumentalização da inteligência rabínica a serviço de uma vontade que não é a de Deus.

Uma apostasia de dentro, disse eu.

Uma apostasia de dentro, repetiu ele. Como toda apostasia verdadeiramente perigosa. As heresias que a Igreja combateu com mais dificuldade não foram as que vieram de fora gritando. Foram as que vieram de dentro sussurrando.

O vento mexeu nas palmeiras raquíticas com uma discrição que parecia ensaiada. Tirei o caderno do bolso — não o caderno das anotações, um menor, de campo — e escrevi duas frases. O padre esperou sem olhar para o caderno, com o respeito natural dos que entendem que certas coisas precisam ser registradas antes de continuarem a existir.

A egrégora, disse ele, quando guardei o caderno. Este é o conceito que une tudo o que estou descrevendo numa única realidade operativa.

Conheço o termo. Uma entidade psíquica coletiva gerada pelo pensamento e pela vontade de um grupo.

Gerada, emendou ele, e alimentada. Por séculos. Por rituais, por símbolos, por arquitetura, por música, por filosofia, por política econômica e, sobretudo, sangue. Enfim, por tudo aquilo que modela a percepção humana do real sem que o humano perceba que está sendo modelado. A egrégora que estou descrevendo não é uma abstração psicológica — é uma realidade espiritual com densidade ontológica própria. Uma acumulação de vontade orientada que adquiriu, durante séculos de

nutrição deliberada, uma autonomia que ultrapassa os indivíduos que a criaram e que a alimentam.

Fez uma pausa. Um carro buzinou na rua do lado, com a grosseria inconsciente do tráfego urbano, e o som pareceu vir de outro mundo — o mundo das coisas que não sabem que existe este banco de praça e esta conversa e este peso específico que o ar havia adquirido entre as palmeiras raquíticas.

Pensa assim, continuou o padre, com aquela didática que nunca escorregava para o condescendente: um pensamento pode ser pensado por um homem e morrer com ele. Ou pode ser pensado por muitos homens, ao longo de muito tempo, com a intenção deliberada de que persista — e então adquire uma vida que não depende mais de nenhum homem específico. Torna-se, para usar o vocabulário que eles próprios usam, um *Golem*. Não de argila. De história.

Um *Golem* de história, repeti. A frase tinha a qualidade das formulações que, uma vez ouvidas, não podem ser desouvidas.

Infiltrado, disse ele, em cada instituição que importa. Em cada universidade que forma os que vão governar. Em cada banco que financia os que vão decidir. Em cada meio de comunicação que molda o que os demais vão pensar que pensam. Não por conspiradores de capuz em salas fechadas — por *Golens*. Agentes formados, muitas vezes sem saber que o são, para executar funções específicas dentro de uma arquitetura que nenhum deles vê na totalidade. A perfeição do sistema é exatamente esta: nenhuma peça precisa conhecer o tabuleiro. Cada peça apenas ocupa sua casa e executa seu movimento, e o tabuleiro joga sozinho.

Fiquei em silêncio por um momento. Os pombos haviam se afastado. A criança havia desaparecido. A velha da sacola já estava longe. A praça tinha agora aquela qualidade de intervalo — nem cheia nem vazia, apenas suspensa entre uma coisa e outra.

E a Igreja, disse eu. Por que a Igreja especificamente.

O padre expirou com aquela lentidão de quem guarda o ar enquanto organiza o pensamento.

Porque a Igreja é o único corpo institucional no mundo que ainda reivindica, com alguma coerência doutrinária, a soberania do Logos encarnado sobre a história. Tudo o mais — os estados, as universidades, os parlamentos, as cortes internacionais — já foi reordenado, em graus variados, segundo a lógica que descrevi. A Igreja resiste. Não por virtude dos seus membros, que somos uma coleção decepcionante de fragilidades humanas, como bem sabe. Um aceno de ironia sóbria. Mas pela promessa que foi feita sobre ela. Pelo fundamento que não pode ser removido sem que o edifício inteiro da pretensão de governança absoluta sobre o humano desmorone. A Igreja é a continuidade do Logos encarnado na história.

Por isso, continuou, não basta corrompê-la. É necessário infiltrá-la. Fazê-la falar com a voz deles enquanto usa as suas vestes. Introduzir no seu interior os *Golens* que vão, pacientemente, ao longo de gerações, substituir a substância pelo ornamento — manter o rito, manter a linguagem, esvaziar o conteúdo. Uma Igreja que ainda usa as palavras certas mas não crê no que as palavras significam é mais útil a eles do que a ausência de Igreja, porque fornece a aparência de resistência sem a resistência real.

Anátema por dentro, disse eu.

O anátema mais perfeito, confirmou ele, é o que o anatemizado não percebe que sofreu.

Permanecemos em silêncio por um tempo que não soube medir. O sol havia se deslocado com a indiferença implacável do sol, e a sombra da palmeira mais próxima havia migrado um palmo sobre o cimento. Vida continuava, ao redor, com a tenacidade específica da vida que não foi informada de que deveria parar diante de certas conversas.

Olhei para o café na esquina. Vera ainda estava lá — a silhueta sobre o livro, o cappuccino provavelmente frio agora. Ela havia virado algumas páginas. Não havia olhado para cá uma única vez, com a disciplina específica de quem decidiu não olhar e mantém a decisão por força de vontade.

Você perguntou uma vez, disse o padre, em voz mais baixa, com aquela qualidade que as vozes adquirem quando o que vai ser dito é mais pesado do que o que veio antes, por que eu me envolvi nisto.

Não havia perguntado. Mas havia querido perguntar, o que para o Padre Aldo era provavelmente equivalente.

Envolvi-me, disse ele, porque fui encontrado. Como você foi encontrado. Não por eles — por algo anterior a eles. Os olhos voltaram para a praça, para o espaço indistinto entre os pombos reassentados e as palmeiras e o barulho distante do tráfego. Há trinta anos, quando ainda era seminarista, um padre velho me deu um livro. Disse apenas: leia e guarde. Não empreste, não comente, não discuta com ninguém que não seja capaz de receber. Levei quinze anos para encontrar o que esse livro descrevia. Outros dez para entender o que havia encontrado. E mais cinco para ter coragem de fazer o que estou fazendo agora.

Que é.

Encontrar, disse ele, com uma simplicidade que era na verdade a coisa mais densa que havia sido dita em toda a conversa, alguém que possa ser o vínculo que eu não posso ser. Que tenha acesso a lugares que eu não tenho. Que conheça rostos que eu não posso conhecer sem comprometer tudo o que ainda protege o que precisamos proteger.

A palavra elo não foi dita. Estava lá, entre as outras, com o peso de um objeto não nomeado sobre uma mesa.

Pensei em Mordechai dizendo útil. Pensei na qualidade diferente que a palavra elo tinha na boca do padre — não frieza de instrumento, mas peso de responsabilidade. Dois homens me descrevendo a mesma função com vocabulários que revelavam mundos opostos, ou possivelmente o mesmo mundo visto de ângulos que não poderiam jamais ser reconciliados.

E se eu não for capaz, disse eu, com a honestidade específica dos momentos em que a humildade é o único realismo disponível.

O padre me olhou. Com aquele olhar que era diagnóstico e compaixão simultaneamente — a terceira coisa, sem nome honesto, que eu havia visto pela primeira vez naquele quarto enfumaçado de livros e incenso velho.

Se não for, disse, terá feito o que pôde. E Deus não exige mais do que isso. Uma pausa. Mas acho que é capaz. Não pela sua inteligência, que é considerável e que, se não tiver cuidado, vai destruí-lo antes que o inimigo precise se dar ao trabalho. O aceno de ironia sóbria de novo, mas desta vez com alguma coisa de afeição dentro dele — uma afeição que o padre distribuía com a parcimônia dos homens que a sentem profundamente e por isso desconfiam de suas manifestações excessivas. Mas pela sua alma. Que é, apesar de você, ainda razoavelmente intacta.

Apesar de você — a formulação pousou com o peso específico das verdades que se disfarçam de brincadeira.

Me levantei quando ele se levantou, por um reflexo de respeito que o escritório havia tentado extinguir e que o convívio com Aldo havia reacendido sem que eu percebesse o momento exato. Ele estendeu a mão. Apertei-a — não o aperto rápido de protocolo, mas aquele que dura um segundo a mais que o necessário, o segundo em que duas pessoas reconhecem que o que foi dito não pode ser não dito e que a vida a partir daí vai ser diferente sem que haja retorno disponível.

A missa de domingo, disse ele, ao soltar minha mão.

Estarei lá.

Eu sei. Caminhou em direção à saída da praça com o passo tranquilo dos que não têm mais pressa porque já partiram há muito tempo. Antes de virar a esquina, voltou-se uma vez — não com o gesto dramático dos que se despedem para a posteridade, mas com a naturalidade de quem se lembrou de algo:

Cuide da sua mulher, Basílio. Ela vê mais do que diz. E o que ela vê, acrescentou, com uma suavidade que era a forma mais séria que ele conhecia de dizer uma coisa séria, está correto.

Virou a esquina.

Fui ao café. Vera levantou os olhos do livro quando entrei — não com surpresa, porque Vera não se surpreendia, mas com aquela atenção limpa e direta que era o seu modo de dizer estou aqui, conta. Sentei-me em frente a ela. O cappuccino estava de fato frio. Ela pediu outro para mim sem perguntar.

Ele quer que eu seja um elo, disse eu.

Ela assentiu levemente. Como se confirmasse algo que havia calculado antes de eu chegar.

Entre quem e quem?, perguntou. Não por desconhecer a resposta — por querer ouvir como eu a formularia.

Entre ele e o Rebe. Entre o que a Igreja sabe e o que eles fazem. Entre o que é real e o que eles querem que pareça real.

Ela ficou em silêncio por um momento. Olhou para o cappuccino. Depois para mim — com aquele olhar que era amor e exasperação e uma terceira coisa que eu identificaria, muito mais tarde, como medo antecipado. A forma mais generosa e mais extenuante de amor: temer o que vai acontecer antes que aconteça, e ficar mesmo assim.

E você vai, disse ela. Não era pergunta. Era constatação — a constatação de quem já sabe a resposta mas ainda acredita, contra toda a evidência, que dizer a coisa em voz alta pode às vezes mudá-la.

Vou, disse eu.

Ela assentiu de novo. Pegou o livro. Continuou lendo.

E eu fiquei olhando para ela — para a silhueta que havia estado a duzentos metros durante toda a conversa, presente num mundo paralelo, sabendo o que acontecia sem participar, sendo o único elo sólido entre mim e a realidade que eu estava, metodicamente, deixando para trás — e pensei, com a clareza fria e perturbadora das conclusões que chegam quando a mente ainda não aprendeu a resistir a elas:

Que ela estava certa. Sobre tudo. Sempre.

E que eu ia mesmo assim.

Que Deus nos perdoe a ambos — a ela por ter ficado tanto tempo, a mim por ter precisado tanto que ficasse.

6

Alguns perfumes não são apenas cheiros. São arquiteturas. Estruturas invisíveis e inexpugnáveis que o olfato erige na memória com uma solidez que nenhuma fotografia, nenhuma palavra, nenhum objeto tangível consegue replicar — porque a fotografia pode ser perdida e a palavra pode ser esquecida e o objeto pode quebrar, mas o perfume, quando volta, volta inteiro. Volta com tudo dentro. Com a luz do momento e a temperatura do ar e o peso específico do que se sentia quando se sentiu pela primeira vez.

A lavanda de Vera voltou inteira.

Três anos antes — ou em outro tempo que não tem nome preciso, porque o tempo do primeiro amor é uma categoria à parte, refratária aos calendários e às cronologias que o resto da existência obedece:

Eu estava na mesma cafeteria. A mesma do capítulo anterior — sim, o mesmo café de fórmica, o mesmo barulho de máquina de expresso e cadeiras arrastadas e conversas alheias que entram pelo ouvido sem pedir licença. Estava escrevendo. Não o caderno — um texto de trabalho, prosaico e ingrato, que exigia de mim uma atenção que eu distribuía entre ele e um livro aberto ao lado, num daqueles malabarismos intelectuais que praticamos quando o que devemos fazer é suficientemente entediante para exigir o contrapeso do que queremos.

Ela entrou como quem entra em todos os lugares: com a atenção ligeiramente deslocada do espaço físico imediato, como se parte dela estivesse sempre processando um cálculo interno de cuja natureza os demais não eram informados. Não era distração — era o oposto. Era uma forma de presença que se exercia de dentro para fora, ao contrário da maioria dos presentes, que se exercem de fora para dentro e por isso parecem sempre ligeiramente surpreendidos por onde estão.

O que me deteve, antes do rosto e antes da voz e antes de qualquer coisa que se pudesse chamar de raciocínio, foi o pulverizador.

Pequeno, de vidro âmbar, com um bulbo de borracha envelhecida que ela segurava com o polegar e o indicador como se fosse um instrumento de precisão — o que era, a seu modo. Entrou pela porta e antes mesmo de escolher uma mesa começou a nebulizar o ar ao redor com a aplicação metódica de quem executa um ritual necessário. A névoa saía fina, quase invisível, e o perfume chegou antes que ela chegasse — lavanda, puro e denso e inequívoco, como uma declaração de presença feita em língua olfativa antes que qualquer outra língua fosse usada.

Sentei-me mais direito. O texto de trabalho deixou de existir.

Ela escolheu uma mesa perto da janela — não a mais próxima da luz, não a mais afastada do barulho, mas aquela que ficava exatamente no limiar entre as duas condições, como se houvesse calculado o ponto de equilíbrio antes de sentar. Pulverizou mais uma vez ao redor da cadeira. Depois guardou o pulverizador na bolsa com o cuidado específico reservado às coisas que não podem ser perdidas.

Fui até ela.

Não por coragem — nunca fui homem de coragem social, que é a mais ordinária das coragens e a que mais falta nos momentos mais triviais. Fui porque havia algo naquele gesto do pulverizador que tornava a não-aproximação impossível. Não curiosidade vulgar — uma necessidade de ordem epistemológica: havia uma pergunta que só ela podia responder e que, se não fosse respondida, produziria em mim o tipo de lacuna que o caderno conhece bem.

Com licença, disse eu, com a voz calibrada no tom intermédio entre interesse e desinteresse que os tímidos usam como armadura. Não é indiscrição — mas o perfume é lavanda?

Ela me olhou. Com aqueles olhos que eu só descreveria mais tarde, depois de aprender a descrevê-los, como os olhos de quem já viu o final de alguma história e decidiu participar mesmo assim. Claros, de uma clareza que não era ingenuidade,

era seu oposto — a lucidez de quem olhou para o mundo sem filtro durante tempo suficiente para não se surpreender com nada e ainda assim escolheu ficar.

É, disse ela. Borboletas.

Borboletas.

E mariposas. Lepidópteros em geral. Disse isto com uma seriedade absolutamente desprovida de autoconsciência — não a seriedade performática de quem sabe que é excêntrico e usa o excentricismo como ornamento social, mas a seriedade genuína de quem tem uma fobia real e desenvolveu uma solução real e não vê razão para se desculpar por nenhuma das duas coisas. A lavanda os repele. Ou pelo menos os mantém a uma distância que consigo administrar.

Sentei-me sem ser convidado. Ela não disse nada sobre isto — o que interpretei, corretamente, como o sinal mais generoso que ela saberia dar a um desconhecido.

Já tentou perceber, disse eu, com aquela tendência irresistível ao comentário lateral que Vera chamaria depois, com afeto irado, de minha mania de transformar qualquer conversa num seminário, por que especificamente os lepidópteros? Há algo na escama das asas — a poeira, tecnicamente chamada de ctenídios — que—

Não precisa de explicação científica, disse ela, com uma calma que era ao mesmo tempo gentil e absolutamente terminal. Tenho medo. O medo não precisa de etiologia para ser real.

Fiquei em silêncio por um momento. Depois ri — não de deboche, mas com o riso específico de quem acabou de ser corrigido com elegância suficiente para que a correção seja recebida como presente.

Tem razão, disse eu. Me chamo Basílio.

Sei que tem razão, disse ela. Vera.

E foi assim. Sem mais cerimônia do que esta — um pulverizador de lavanda, uma fobia, uma correção elegante e um nome. As grandes arquiteturas, aprendi com ela, raramente anunciam sua fundação.

Mas devo dizer — devo dizer com a honestidade que me sobrou, que é menos do que antes e mais do que nada — o que realmente vi naquele momento. Não a narrativa polida que acabo de oferecer, que é verdadeira, embora seja a superfície da verdade. O que vi por baixo.

Vi uma mulher entrar num espaço e transformá-lo. Não pela beleza — que existia, mas era consequência, não causa. Pela qualidade de presença que ela exercia sem esforço e sem consciência, como a luz exerce sua função sem saber que é luz. A névoa de lavanda que ela havia distribuído pelo ar havia feito do café um lugar levemente diferente do que era antes — não mais ou menos agradável, mas específico. Marcado. Como se o espaço houvesse recebido uma assinatura que o tornava irrepetivelmente aquele e não outro.

E pensei — com aquela parte da minha mente que já estava, naquele momento, antes do caderno e antes do Rebe e antes de tudo, treinada para ver padrões onde outros viam superfície — pensei que havia algo naquele gesto, naquele pulverizador de vidro âmbar contra a assombração alada dos lepidópteros, que excedia a fobia e a solução prática.

O *Projeto Monarch* — e peço ao leitor que receba o que vou dizer com a mesma honestidade com que o digo, sem pressa de classificá-lo — usa a borboleta como símbolo central. A metamorfose como metáfora da fragmentação e recomposição da identidade. A mariposa como emblema de uma transformação que não é libertação, mas dissolução — o eu anterior destruído para que outro, maleável e dirigível, ocupe seu lugar. Que uma mulher como Vera — inteligente com aquela inteligência que não precisa se anunciar, lúcida com aquela lucidez que vê antes — tivesse desenvolvido uma fobia específica aos portadores deste símbolo, e houvesse criado para si um contra símbolo de proteção aromática, parecia-me, naquele instante no café de fórmica, uma das coincidências que o caderno — ainda inexistente, ainda apenas uma possibilidade — não poderia ignorar.

Ou era apenas uma fobia. Com a honestidade que me sobra: não sei. Nunca soube. A diferença entre estas duas versões é o abismo no qual este livro inteiro habita — e Vera, que habitou este abismo ao meu lado por três anos sem cair, merece que eu a situe com precisão na sua borda.

Agora — o dia da partida, três anos depois, numa tarde de luz oblíqua que entrava pelas venezianas com a indiferença específica da luz que não sabe que está iluminando um fim:

Ela estava sentada na poltrona da sala quando cheguei. Não a poltrona habitual — a outra, a menor, a que ficava junto à janela e que nenhum dos dois usava normalmente, como se houvesse sido reservada para este momento específico. A mala estava ao lado, fechada, com a compostura de um argumento encerrado.

O pulverizador estava sobre a mesa de centro. Fora da bolsa, fora do seu lugar habitual, disposto com a deliberação de um objeto que havia sido colocado ali com intenção.

Sentei-me em frente a ela. A luz oblíqua dividia a sala em duas metades — ela na metade da sombra, eu na metade da luz, o que não era simbólico mas parecia, que é a categoria mais perturbadora de coincidência.

Demorou, disse ela.

Estava andando.

Sei. Uma pausa. Quando você some é sempre andando. Como se o movimento físico pudesse reorganizar o que está dentro.

Às vezes pode.

Às vezes, concordou ela. Sem ironia — com aquela concordância generosa que Vera concedia quando a discordância seria fácil demais para valer o esforço. Mas não sempre.

O silêncio que se instalou tinha a textura do silêncio dos capítulos anteriores — volumoso, com presença própria, com o peso das coisas ditas que ainda não tinham sido ditas. Mas era diferente daqueles silêncios. Tinha uma qualidade de completude que os outros não tinham. Como se este silêncio específico fosse o último de uma série e soubesse disso.

Basílio. A voz saiu com aquela qualidade que as vozes adquirem quando quem fala chegou ao ponto depois de muito caminho — mansa, sem urgência, com a

serenidade específica das decisões que já foram tomadas e que estão sendo apenas comunicadas. Vou te dizer uma coisa que nunca disse. Não porque escondia — porque ainda estava aprendendo como dizer.

Esperou. A luz oblíqua deslizou um milímetro sobre o assoalho com a paciência do sol que não tem pressa.

Desde o primeiro dia no café, disse ela, eu soube que você estava procurando alguma coisa que não existe da forma que você procura. Não porque o que você busca seja falso — porque a forma de buscar é errada. Você busca com a inteligência, que é o instrumento mais poderoso e mais cego que um homem pode usar para encontrar o que é real. A inteligência vê padrões onde existem e onde não existem. Não consegue distinguir os dois. Só o coração consegue — mas o coração você aprendeu a desconfiar.

O coração erra, disse eu.

O coração erra, concordou ela. Mas os erros do coração têm uma qualidade que os erros da inteligência não têm: são reparáveis. O coração errado pode ser corrigido pelo amor. A inteligência errada, uma pausa, se alimenta de si mesma. Quanto mais erra, mais certa parece.

Havia nisto algo que reconheci — não como argumento, que minha inteligência poderia refutar com relativa facilidade, mas como verdade de outra ordem. Uma verdade que chegava não pelos ouvidos, mas pela pele, pela temperatura do ar, pelo perfume de lavanda que ela havia dispersado naquela tarde também — sem que eu houvesse percebido, sem o gesto deliberado do café, apenas pelo fato de ter estado aqui durante tanto tempo que a casa havia aprendido o seu cheiro.

Quando te vi naquele dia, continuou ela, com aquela voz de antes — não a Vera exasperada, não a Vera do carro, mas a Vera primeira, a do café de fórmica e do pulverizador de vidro âmbar — vi um homem que sofria com uma lucidez que não sabia o que fazer consigo mesma. Um homem que havia encontrado dor suficiente no mundo para precisar que a dor tivesse forma. Que tivesse nome e endereço e culpados identificáveis. Porque a dor sem forma, disse ela, e aqui a voz

adquiriu uma qualidade sinestésica — eu a ouvia e a sentia como pressão sobre o esterno, como temperatura, como a borda específica de algo que sempre esteve presente e nunca havia sido tocado diretamente — a dor sem forma é o Ponos. O trabalho árduo e sem recompensa de existir sem explicação. E você não conseguia viver com isso, Basílio. Nunca conseguiu.

O nome grego pousou no centro da sala com o peso de um diagnóstico que havia sido formulado há três anos e guardado para o momento exato.

Então você acha que inventei tudo, disse eu. Não era acusação. Era a pergunta mais honesta que já havia feito.

Ela me olhou por um longo momento. Com aqueles olhos que já viram o final de alguma história. E disse:

Acho que encontraste algo real. E acho que esse algo real encontrou em ti um homem que já estava partido por dentro de um modo que tornou impossível distinguir o que via do que precisava ver. As duas coisas aconteceram ao mesmo tempo, Basílio. Não uma ou outra. Uma pausa que tinha a duração exata do que precisava de duração. E é por isso que é trágico. Se fosse apenas loucura, seria curável. Se fosse apenas verdade, seria suportável. Mas as duas coisas juntas—

Não terminou a frase. Não precisava.

Levantou-se. Pegou a mala com aquele gesto que havia praticado — não em frente ao espelho, mas na cabeça, nos dias anteriores, nos momentos em que se prepara para fazer algo que não se quer fazer, contudo, que não pode mais não ser feito. Caminhou até a porta.

Parou.

Voltou-se — não com o gesto dramático das despedidas cinematográficas, mas com a naturalidade de quem se lembrou de algo que não pode ser esquecido. Foi à mesa de centro. Pegou o pulverizador de vidro âmbar.

Segurou-o por um momento — com o polegar e o indicador, como naquele primeiro dia, como se o tempo entre os dois dias fosse apenas uma respiração e não três anos de amor e exasperação e cadernos e padre e Rebe e lavanda e tudo o mais.

Depois o colocou de volta sobre a mesa. E desta vez o gesto era outro — não o esquecimento, não o acidente. Era uma deposição deliberada. Uma oferta.

Para espantar o que precisar ser espantado, disse ela, em voz baixa. E havia nesta frase — que podia ser ternura ou podia ser diagnóstico clínico ou podia ser as duas coisas com a mesma dose exata — toda a Vera que eu havia amado e que havia me amado com aquela generosidade extenuante de quem fica até onde pode e parte quando o ficar começa a destruir o que o amor construiu.

Abriu a porta.

Cuida-te, disse — em português de Portugal, que era o seu, que era o dela, que era o idioma que ela usava quando queria que as palavras tivessem o peso certo — os males acumulados superaram os benefícios inauditos…

E saiu.

A porta fechou com o som específico das portas que não vão abrir de novo da mesma forma.

Fiquei sentado. A luz oblíqua havia avançado mais um palmo sobre o assoalho. Os pombos da praça — ou os pombos de alguma praça, as cidades têm pombos em toda parte com a persistência dos símbolos que não foram convidados — faziam o seu barulho inútil e contínuo lá fora.

O pulverizador estava sobre a mesa.

Pequeno, de vidro âmbar, com o bulbo de borracha envelhecida. O perfume havia se dissipado já — ou talvez não houvesse se dissipado, talvez eu o sentisse ainda porque estava na pele das paredes e no tecido da poltrona e em tudo que havia sido tocado por três anos de presença e que não desaprende o cheiro de uma pessoa só porque essa pessoa vai embora.

Peguei-o com o polegar e o indicador. Como ela tinha feito. Como havia feito no café de fórmica no primeiro dia, antes de mim, antes de tudo.

Pulverizei uma vez. A névoa saiu fina, quase invisível.

E o perfume voltou inteiro — com tudo dentro. Com a luz do momento e a temperatura do ar e o peso específico do que se sentia quando se sentiu pela primeira vez. Com Vera na janela do café escolhendo a mesa do equilíbrio. Com Vera no banco de praça a duzentos metros de uma conversa que ela não queria ouvir e não conseguia ignorar. Com Vera na poltrona menor, na metade da sombra, dizendo as duas coisas juntas e não terminando a frase porque não precisava.

Com Vera dizendo, no primeiro dia, com aquela seriedade absolutamente desprovida de autoconsciência: o medo não precisa de etiologia para ser real.

Fiquei com o pulverizador nas mãos por um tempo longo. Depois o coloquei no bolso interno do casaco — junto ao coração, que era o lugar mais irracional e por isso o único adequado para guardar a única coisa que me restava de algo que havia sido, por um breve e devastador período da minha vida esfarelada, completamente real.

A transgressão, pensava o Padre Aldo, era o elemento central da conspiração diabólica no mundo. Não o crime, não a violência, não o mal declarado e identificável — mas a transgressão: o deslocamento sutil da ordem, a substituição imperceptível do real pelo simulacro, a erosão lenta do vínculo entre o homem e o que é verdadeiro, feita por dentro, por agentes que falam a língua da casa enquanto minam os alicerces.

Vera havia sido, durante três anos, o meu alicerce.

E eu a havia minado. Não com má intenção — com aquela ingenuidade específica dos que amam com intensidade insuficiente para se curvarem, que é a forma mais devastadora de egoísmo porque não parece egoísmo nem para quem a pratica nem, por muito tempo, para quem a sofre.

A transgressão central, pensava eu naquela sala com o pulverizador no bolso e o perfume no ar, não era a dos talmudistas diabólicos nem a dos *Golens* infiltrados

nem a da *egrégora* de cinco séculos nutrida em segredo. Era esta — a mais banal e a mais irreparável: a de um homem que havia recebido amor verdadeiro e o havia trocado, dia a dia, por padrões.

Por padrões que podiam ser reais. Ou não.

Mas que nunca, em hipótese alguma, valiam o que havia sobre a mesa de centro naquela tarde de luz oblíqua.

E que não valeriam o que havia no meu bolso agora — pequeno, de vidro âmbar, com o bulbo de borracha envelhecida que cheirava a lavanda e a primeiro dia e a tudo que não volta.

7

Sete é o número da completude antes do reinício. O sétimo dia em que Deus repousou não porque estivesse exausto — Deus não se exaure — mas porque a criação havia chegado ao ponto em que continuar seria redundância. Sete braços na *menorá*. Sete selos no Apocalipse. Sete notas na escala que o ouvido humano percebe como totalidade antes que a oitava nota recomece, um tom acima, a mesma sequência em espiral ascendente. Na Cabala, o sétimo *sefirot* é *Netzach* — vitória, eternidade, o desejo que não se satisfaz porque sua natureza é o próprio movimento em direção ao objeto, não o objeto. O desejo como fim em si mesmo.

Recebi o e-mail numa quinta-feira às quatorze e vinte e dois. Sei o horário porque o registro do servidor ficou no caderno — o caderno havia se tornado, naqueles meses, uma extensão da memória que eu não confiava mais à memória, pela razão específica de que a memória é maleável e o registro é fixo e havia chegado ao ponto em que a diferença entre as duas coisas me parecia a diferença entre a verdade e o que eu havia feito dela.

O e-mail era do assistente. Não assinado com nome — assinado com uma inicial que era a mesma do cartão sem logotipo entregue após a conferência. Convidava para um fim de semana no Clube dos Pinheiros — um country club a oitenta quilômetros da cidade, daqueles estabelecimentos que existem numa dimensão paralela e discreta onde o dinheiro suficiente transforma o ar em algo de textura diferente. Uma oportunidade de conhecer melhor o círculo, dizia o e-mail. Traje esporte fino para o sábado, traje a rigor para o jantar de gala do sábado à noite. Acompanhante bem-vinda.

Mostrei a Vera.

Ela leu duas vezes. Depois dobrou o laptop — gesto que não era recusa, era pausa, o intervalo que ela se concedia quando precisava pensar sem que o pensamento fosse observado.

Vou, disse por fim.

Eu esperava que dissesse não.

Eu sei. Uma pausa. É por isso que vou. Para estar presente enquanto ainda posso estar.

Não entendi completamente o que havia em enquanto ainda posso. Entendo agora. Mas agora é tarde para a compreensão ser útil — que é a condição permanente da compreensão verdadeira, chegar depois do momento em que poderia ter mudado alguma coisa.

I.

O Clube dos Pinheiros ficava onde ficam todos os lugares desta natureza: além de onde a cidade admite ser cidade, naquela faixa de território onde o asfalto perde a urgência e as cercas passam a ser de madeira trabalhada e não de arame farpado, e as árvores foram plantadas com a deliberação de quem sabe que a natureza, entregue a si mesma, é menos impressionante do que a natureza disciplinada pelo dinheiro. A entrada tinha portão de ferro forjado com monograma — não as iniciais do clube, mas uma figura que eu reconheci como variação de um símbolo que constava no caderno, página quarenta e três, sob a rubrica heráldica de proveniência obscura.

Anotei. Vera olhou pela janela do carro sem comentar.

II.

Os membros que nos foram apresentados na tarde do sábado tinham em comum a qualidade específica dos que sempre estiveram em lugares como aquele: não a arrogância dos novos-ricos, que precisam do lugar para existirem, mas a indiferença serena dos que existem independentemente do lugar e o frequentam por hábito. Havia um ex-ministro de algo que prefiro não especificar. Um reitor de universidade de nome que qualquer brasileiro reconheceria. Um bispo — não de diocese humilde, de diocese que importa, daquelas que têm influência sobre outras influências. Um editor de jornal. Um banqueiro de sobrenome que é, ele mesmo, uma instituição. E outros cujas funções eram menos identificáveis, todavia, cuja presença no conjunto transmitia a mesma mensagem que os demais: que havia ali uma coerência que não era acidental.

Vera circulou com aquela graça social que eu sempre admirei nela — a capacidade de estar num lugar sem precisar conquistá-lo, de conversar com qualquer pessoa com a atenção genuína que não distingue o importante do irrelevante porque para ela ninguém era irrelevante. Eu a observava de longe e pensava, com a frieza crescente que os lugares assim produzem, que ela era a única pessoa autenticamente presente naquele gramado de textura diferente.

Rebe estava ao fundo, junto aos roseirais, conversando com o bispo. Não me olhou quando cheguei. O que, aprendi, era sua forma de dizer que sabia que eu havia chegado.

III.

O jantar de gala foi anunciado às sete da tarde — sete, naturalmente — por um sino pequeno e discreto que um funcionário percorreu os jardins tocando com a naturalidade dos rituais que não precisam se anunciar como rituais porque já foram internalizados por todos os presentes exceto um.

Vera me segurou pelo braço antes que eu entrasse no salão principal.

Não vou, disse ela.

O convite incluía—

Eu sei o que incluía. Os olhos claros com aquela lucidez que vê antes. Mas há coisas para as quais não fui convidada de verdade. E entrar onde não sou verdadeiramente bem-vinda é uma forma de humilhação que dispenso, mesmo quando a porta está tecnicamente aberta.

Fiquei olhando para ela por um momento — para aquela mulher que havia escolhido a mesa do equilíbrio no café de fórmica, que havia ficado a duzentos metros no banco de praça, que havia dito vou, para estar presente enquanto ainda posso estar — e senti, com a nitidez específica das percepções que chegam tarde demais para serem acionadas, que ela estava me dizendo algo que eu não estava ouvindo.

Estarei no quarto, disse ela. Quando terminar, vem me contar.

Entrou no elevador com a mala de fim de semana e a expressão de quem fez o que podia e sabe que o que pode não é suficiente, é tudo.

IV.

O salão tinha o teto alto e o lustre imenso e as toalhas brancas e os talheres em quantidade obscena que os lugares assim sempre têm, como se a multiplicação dos instrumentos de comer fosse proporcional à profundidade do que seria consumido. Havia quarenta e dois lugares à mesa — seis vezes sete, o que pode ser coincidência e pode não ser, e a distinção entre as duas possibilidades havia se tornado, para mim, naquele período, puramente acadêmica.

Fui conduzido ao meu lugar por um jovem de terno escuro que não era o assistente mas tinha o mesmo sotaque neutro dos que aprendem a não ter sotaque. Meu lugar ficava a sete cadeiras de Rebe, que presidia — não na cabeceira, que seria ostentação, mas no centro do lado mais longo da mesa, de onde podia ver todos e ser visto por todos sem que ninguém precisasse virar a cabeça mais que o natural.

O jantar durou três horas. Falarei apenas do que importa.

V.

Importa que, à sobremesa — uma confecção escura e amarga que ninguém ao meu redor tocou, o que deveria ter sido informação — o assistente se aproximou e disse, em voz que só eu ouvi: O Rebe gostaria de conversar em particular. Quando o senhor estiver pronto.

Importa que fui. Pela razão que me levara à conferência, ao sobrado ocre, ao apartamento do primeiro encontro, à conversa de banco de praça com Aldo: porque havia uma pergunta que só ele podia responder e que, se não fosse respondida, produziria uma lacuna que o caderno não suportaria.

Importa que a sala para onde fui era pequena e redonda — circular, o que é diferente, porque o círculo não tem cabeça nem pé, não tem hierarquia espacial, coloca todos no mesmo raio equidistante do centro — e tinha sete cadeiras ao redor

de uma mesa que não tinha objetos sobre ela exceto uma *menorá* apagada e um frasco de vidro escuro do tamanho de um frasco de perfume.

Sete cadeiras. Sete homens já sentados. E uma cadeira vazia.

Rebe estava de pé, ao lado da *menorá*. Acendeu-a com um fósforo de cabo longo — não com isqueiro, com fósforo, com a deliberação de quem escolhe o instrumento pela sua natureza e não pela sua eficiência. As sete chamas acenderam em sequência, da esquerda para a direita, e a última produziu uma luz que não era maior que as outras embora fosse diferente — tinha uma qualidade de fixidez que as outras não tinham, como se houvesse decidido durar mais do que a cera comportaria.

Sente-se, disse Rebe.

Sentei-me na cadeira vazia.

VI.

O que foi dito naquela sala ao longo da hora seguinte não reproduzirei na íntegra — não por incapacidade de memória, que o caderno poderia suprir, mas porque há coisas que, transferidas do contexto em que foram ditas para a linguagem plana da narração, perdem a dimensão que as tornava o que eram. Eram palavras ditas por sete homens em círculo, à luz de sete chamas, num tom que não era conspirativo — era litúrgico. Tinham a cadência dos textos que foram ditos tantas vezes que a repetição os tornou físicos, com textura, com temperatura.

O que posso dizer: falaram de visão. Não como metáfora — como capacidade técnica. A visão que excede o olho, que percebe o que a retina não alcança, que lê nos acontecimentos a dimensão que permanece invisível àqueles que não foram preparados para vê-la. Disseram que eu possuía esta capacidade em estado latente — que o caderno era prova disso, que os padrões que havia identificado correspondiam a estruturas reais que aguardavam confirmação de alguém capaz de as nomear.

E disseram que havia um método. Antigo, disseram. Verificado ao longo de gerações. Que combinava o rito — uma sequência de gestos e palavras que não vou

reproduzir — com o que chamaram de catalisador biológico: uma substância administrada por via injetável que, disseram, não alterava a percepção, removia os filtros que ela impõe sobre o real. Não verá mais, disse Rebe, com aquela precisão que não precisava de volume, verá menos. Verá apenas o que existe.

O frasco de vidro escuro estava sobre a mesa.

Olhei para ele. Olhei para as sete chamas. Olhei para os sete rostos ao redor — não ameaçadores, não sedutores, apenas presentes, com aquela presença específica de quem está de um lado de uma linha e aguarda que você escolha.

Pensei em Aldo dizendo sua alma tem a textura das almas que carregam verdades que as destroem. Pensei em Vera dizendo a inteligência errada se alimenta de si mesma. Pensei no caderno com cento e quarenta e sete páginas e nas duas interpretações disponíveis que eu não conseguia mais distinguir.

E pensei — com a clareza fria e a cegueira específica de sempre — que havia chegado até ali para responder a uma pergunta. E que recuar agora seria a única resposta que eu não suportaria carregar.

Estendi o braço.

VII.

O que aconteceu depois não cabe em linguagem que ainda possuo.

Direi apenas: as sete chamas continuaram ardendo com aquela estabilidade que nenhum ambiente natural justifica. Direi que em algum momento percebi que estava de pé, embora não me lembrasse de ter me levantado. Direi que o perfume de lavanda — o perfume de Vera, o perfume do primeiro dia, o perfume do pulverizador de vidro âmbar que estava no bolso do casaco junto ao coração — esteve presente durante todo o tempo que durou o que durou, com uma constância que não era mais presença que memória. Como se ela houvesse estado ali. Como se a lavanda fosse, de fato, capaz de espantar o que precisasse ser espantado — e houvesse falhado, desta vez, pela primeira vez.

Ou como se eu a houvesse inalado antes de entrar, sem perceber, e o perfume fosse apenas a lavanda se dissipando enquanto o resto acontecia.

As duas interpretações. Sempre as duas.

Vera estava no quarto quando voltei. Não dormia — estava sentada na beira da cama com o casaco ainda posto e o livro fechado no colo, na postura de quem esperou sem pretender que esperar fosse fácil.

Me olhou.

Não perguntou o que havia acontecido. Olhou apenas, com aqueles olhos que já viram o final de alguma história, e o que viu naquele momento no meu rosto foi suficiente para que ela não precisasse perguntar nada.

Levantou-se. Veio até mim. Colocou a mão no meu rosto com aquela delicadeza que é a forma mais séria de amor — não o abraço, não o beijo, mas a palma da mão na face do outro, o calor específico de uma mão que conhece o que toca.

Vamos dormir, disse ela. Em voz baixa, mansa, sem urgência. Como quem encerra um dia. Como quem não sabe — ou sabe e não pode mudar — que o que acabou de ser encerrado não era apenas um dia.

Deitei-me. Ela apagou a luz.

No escuro, com o perfume de lavanda ainda presente em alguma camada do ar ou da memória ou das duas coisas que naquela noite haviam se tornado impossíveis de distinguir, pensei no que Rebe havia dito sobre os *Golens*: que não eram criaturas de argila, mas princípios. Acumulações de vontade orientada que aguardavam a letra certa para acordar.

A argila estava pronta, havia dito num sonho ou numa noite ou nas duas coisas ao mesmo tempo.

Faltava apenas a letra.

Adormeci — ou perdi a consciência, que não é a mesma coisa, embora naquela noite a diferença fosse, como quase tudo, impossível de verificar.

Vera ficou acordada ao meu lado por um tempo que não sei medir. Sei porque, num momento intermédio entre o sono e o que quer que houvesse do outro lado, ouvi — ou senti, ou inventei, ou as três coisas — o som do pulverizador. A névoa fina, quase invisível. O perfume chegando antes do gesto, como sempre.

E depois o silêncio.

E no silêncio, a sétima chama ardendo com aquela fixidez que não pertence à cera.

8

O oito deitado é o infinito. Não a eternidade — que é repouso, que é chegada, que é o ponto além do qual não há mais movimento. O infinito é outra coisa: é o movimento que não chega, a serpente que morde a própria cauda com a aplicação inesgotável dos símbolos que não precisam de significado externo porque são, eles mesmos, a coisa que significam. Dois círculos unidos num ponto de tangência que é simultaneamente o fim de um e o começo do outro, sem que haja modo de identificar qual é qual. O escravo perfeito não precisa de correntes. Precisa de um círculo suficientemente amplo para nunca perceber que está girando. Precisa, acima de tudo, que o ponto de tangência — o único momento em que poderia perceber a geometria da prisão — seja o momento de maior velocidade, aquele em que a consciência passa tão rapidamente que não tem tempo de se reconhecer.

Fui este ponto de tangência durante meses. Girando.

∞ — Primeira volta: o narrador que deixou de narrar

Percebi que havia mudado quando deixei de perceber que havia mudado.

Esta frase é o centro do oito. O ponto de tangência entre os dois círculos — o Basílio que documentava e o Basílio que foi documentado por outros, sem saber, sem consentimento, sem a resistência que o consentimento informado teria produzido. Antes do clube, do círculo de sete, da sétima chama e do frasco de vidro escuro, eu datava tudo. Cada convergência, cada correspondência, cada dado que alimentava a arquitetura do que sabia ou julgava saber — tudo recebia hora, data, contexto, a assinatura inabalável do documentarista que não deixava nada passar.

Depois, o caderno foi ficando diferente. Não parei de escrever — escrevi mais. Mas a escrita mudou de substância. Ficou mais densa e menos precisa, mais urgente e menos verificável, como se a mão que segurava a caneta houvesse aprendido a obedecer a uma voz que não era a minha — ou que era a minha, alterada em frequência, suficientemente próxima para não ser detectada como outra e suficientemente distante para não ser a mesma.

O oito horizontal não tem dentro nem fora. A prisão que não tem muros não pode ser escalada. O escravo que não conhece o nome do senhor não pode denunciá-lo. O narrador que perdeu o narrador não pode narrar a perda — pode apenas narrá-la depois, da distância que só o *afterwards* concede, com a honestidade incômoda de quem descreve uma cirurgia da qual acordou já suturado, sem ter estado presente no momento em que foi aberto.

∞ — Segunda volta: as missões pequenas

As primeiras chegavam pelo e-mail do assistente. Não usavam a palavra missão — usavam eufemismos da família corporativa: oportunidade de contribuição, pedido de colaboração discreta, sugestão de ação alinhada. A linguagem da conspiração é indistinguível da linguagem do escritório, o que não é acidente — nada naquele sistema era acidente — mas que levei tempo demais para compreender.

Eram pequenas. Quase invisíveis. O comentário calibrado sobre o colega, dito no ouvido certo com a tonalidade exata de quem não quer prejudicar ao mesmo passo que não pode deixar de ser honesto. A informação passada ao gestor — não falsa, apenas selecionada com a precisão cirúrgica de quem sabe que a verdade parcial é mais eficaz que a mentira total. O e-mail encaminhado com um comentário breve que mudava o sentido do original sem alterar uma vírgula. Delicadeza e finura.

A erosão. O mesmo princípio da *egrégora* — a acumulação de vontades pequenas orientadas para um resultado que nenhuma delas, isolada, poderia produzir. Cada detalhe era uma partícula acumulada de energia e caos.

E eu as executava. E registrava. E havia neste registro uma racionalização que o caderno novo aceitava com uma docilidade que o caderno anterior nunca teria: estou dentro do sistema para conhecê-lo. Não colaboro — infiltro. O oito horizontal não tem dentro nem fora — mas o autômato que gira dentro dele acredita, em cada volta, estar indo em direção oposta ao que veio. A ilusão de oposição é o mecanismo mais refinado da prisão sem muros. Artificialidade extrema.

Escrevi a racionalização. Acreditei nela. E o caderno, que havia se tornado outra coisa, registrou sem protesto. Passivo intrusivo e inacreditável.

∞ — Terceira volta: o padre que viu

Aldo percebeu antes de mim. Esta frase, sozinha, é diagnóstico suficiente.

Começou a me convocar com frequência crescente — telefonemas que terminavam em encontros, encontros que terminavam em perguntas, perguntas que terminavam em silêncios que eu não sabia mais ler. A qualidade do silêncio de Aldo havia mudado: mais pesada, mais carregada de algo que ele não verbalizava, só sentia como pressão — a pressão de alguém segurando uma porta contra um vento que aumenta. Eu era lâmina que machucava sua alma.

Como você está dormindo?, perguntou numa das vezes.

Durmo pouco. Mas penso com mais clareza do que nunca.

Ele assentiu com aquele aceno que significa ouço o que dizes e ouço o que não dizes. Depois pediu que eu descrevesse uma das tarefas. Qualquer uma.

Descrevi a mais inócua.

Você percebe, disse por fim, que o que descreveu não é infiltração. É participação.

Há uma diferença.

Há. E você a conhecia muito bem. Uma pausa. Conhece ainda?

Não respondi. Porque não sabia. E porque não saber era, naqueles dias, uma condição que eu havia aprendido a habitar com uma confortabilidade que o Basílio anterior teria reconhecido como sinal de alarme. O oito horizontal tem esta propriedade: em cada ponto da curva, a direção do movimento parece correta. Só de fora, vendo a geometria inteira, se percebe que o movimento retorna sempre ao mesmo lugar. Ao nada!

O que eles fazem a quem recrutam, disse o padre, não é corrupção. É substituição. Não corrompem a alma — substituem o narrador. O homem que age continua sendo você. Mas o homem que decide o que fazer não é mais quem era. E

o perigo específico é que a substituição é imperceptível para o substituído. Só quem olha de fora consegue ver.

E o senhor vê.

Vejo, disse ele. É por isso que estou aqui.

∞ — Quarta volta: a escalada

As missões escalaram. Não abruptamente — em gradação, com a paciência da *egrégora* que construiu cinco séculos sem pressa de nenhum resultado individual. Cada nova tarefa estava apenas um grau acima da anterior, dentro de uma normalidade que havia sido expandida tão lentamente que eu não conseguia identificar o ponto em que havia cruzado de um lado para outro.

Esta é a geometria do oito: não há cruzamento visível. Há apenas a curva contínua que, seguida com atenção suficiente ao trecho imediato e insuficiente ao percurso total, produz a ilusão de avanço enquanto garante o retorno. O colaborador que caminha dentro do oito percorre distâncias reais. Cansa de modo real. Sente, a cada passo, que está chegando a algum lugar. E chega — ao ponto de partida, novamente, levemente alterado pela volta, pronto para a próxima.

Do comentário calibrado ao relatório selecionado. Do relatório selecionado à relação cultivada — certos contatos mantidos não pelo valor próprio mas pela posição, pelo acesso, pela informação que forneciam por vias que não eram traçáveis como linha reta, mas eram, no conjunto, um caminho que eu percorria em nome de algo que eu havia parado de verificar ser ainda o que eu havia originalmente chamado de meu.

E depois — e aqui o caderno novo falha, as palavras ficam esparsas, a precisão se dissolve como sal em água — depois vieram as outras. As que habitam a sombra deste capítulo sem que eu as traga à luz completamente, porque há danos que a narração direta não pode conter sem que o narrador se torne cúmplice do que narra. Direi apenas: havia ambientes que fui instruído a contaminar. Com presença — com a qualidade específica de uma presença alterada que, ao circular por certos espaços, depositava algo cujos efeitos eram visíveis com o tempo. Famílias que começavam a

rachar por razões que não conseguiam identificar. Comunidades que perdiam a coesão sem evento precipitante aparente. Indivíduos que foram eliminados por vias de sangue. E, o pior ainda estava por vir. Crianças. Delas, só me recordo o odor e nada mais.

O *Golem* de história operando através de um agente que não sabia que era agente.

Ou que sabia e havia aprendido a não saber que sabia.

O oito horizontal não distingue as duas condições. Em ambas, o movimento é o mesmo. Em ambas, o ponto de tangência passa tão rapidamente que a consciência não tem tempo de se reconhecer. Comecei a compreender o que em toda vida não havia compreendido.

∞ — Quinta volta: Rebe e a ausência como método

Rebe aparecia raramente. Esta raridade era, compreendo agora, a parte mais sofisticada do método — porque a presença constante do senhor cria dependência e resistência. O dominado que vê o dominador aprende a se preparar, a reservar uma parte de si para o momento do encontro.

A ausência é mais eficaz. A ausência cria um espaço que o dominado preenche por conta própria — com a voz do ausente, com os critérios do ausente, com a lógica do ausente — sem que ninguém precise estar presente para garantir a operação. O oito horizontal não precisa de motor externo para continuar girando. Uma vez posto em movimento com energia suficiente, gira por inércia. O senhor pode se ausentar. O servo continuará o trabalho.

Numa das raras aparições — num restaurante, num almoço que parecia casual — Rebe perguntou: O padre ainda te recebe?

Sim, disse eu.

Bem, disse ele.

Registrei o bem sem interpretar. A interpretação correta — de que o padre era parte do mecanismo, de que a informação que eu levava a Aldo retornava a Rebe

por vias que eu era o condutor involuntário — exigia um Basílio que já não estava completamente disponível. O oito não permite que o ponto de tangência durma. E eu havia passado por ele tantas vezes que havia aprendido a velocidade necessária para não acordar.

∞ — Sexta volta: a noite sem data

Houve uma noite — não datada no caderno novo, o que é dado significativo — em que acordei às três da manhã com a certeza visceral de que havia feito algo que não deveria ter feito. Não uma tarefa identificável. Uma certeza sem objeto preciso, do tipo que chega mais pelo corpo que pelo raciocínio — pela náusea, pela temperatura da pele que baixou sem razão climática, pelo coração exercendo sua função com aquela ênfase que havia aprendido a reconhecer como sinal e que havia, nos meses anteriores, progressivamente ignorado.

Liguei para o padre. Às três da manhã. Aldo atendeu — havia aprendido a dormir com o telefone perto e o sono leve dos que sabem que a hora mais escura produz as ligações mais necessárias.

Estou aqui, disse. Apenas isto. Como Vera dizia estou aqui — a frase mais simples e mais pesada da língua portuguesa, a que não promete nada exceto presença e que, no escuro das três, é suficiente para que a pessoa do outro lado não dissolva inteiramente.

Falei por quarenta minutos. Com a desordem específica de quem está no interior de algo que não consegue ver de fora. Aldo fez três perguntas — não para obter informação, mas para que eu ouvisse a mim mesmo responder e encontrasse, na resposta, o que havia perdido.

Na terceira resposta, parei no meio da frase.

Havia ouvido. O que estava dizendo, com o ouvido que restava de quando eu sabia ouvir. E o que estava dizendo era — não vou reproduzir. Há coisas que a narração de um homem sobre si mesmo não pode conter sem que o narrador deixe de ser narrador e se torne apenas réu. Crianças…

Amanhã, disse Aldo. Às nove. Na sacristia.

Não disse que a sacristia tinha paredes.

Tem. E hoje as paredes são necessárias.

Desliguei. Tirei o pulverizador do bolso do casaco. O vidro âmbar estava morno — havia ficado próximo ao corpo durante o dia. Pulverizei uma vez no escuro. A névoa saiu fina, quase invisível. E o perfume chegou — com tudo dentro, com a luz do primeiro dia e a temperatura do equilíbrio e o peso específico de uma presença que não estava.

Era.

Fui deitar. No ponto de tangência entre o sono e a vigília, no único lugar onde o oito horizontal para — brevemente, insuficientemente — de girar.

∞ — Sétima volta: a sacristia e o retorno parcial

Na sacristia, às nove, com as paredes necessárias ao redor, confessei. Contei ao padre o suficiente para que ele ficasse em silêncio por um tempo mais longo do que todos os silêncios anteriores somados.

Quando falou, disse apenas: Vamos rezar.

Não como recurso retórico. Como ação sacramental — a única disponível naquele momento para um homem que havia dedicado a vida a acreditar que certas forças existem e que, diante de certas forças, a linguagem que funciona não é a da análise nem a da estratégia. Apenas a mais antiga de todas, anterior ao caderno, anterior ao sistema, anterior à *egrégora* e aos *Golens* e à sétima chama: a linguagem da súplica.

Rezamos. O sol percorreu o chão de pedra com a paciência que não tem pressa, e em algum momento — não identificável, não datável — percebi que o narrador havia voltado.

Não o narrador intacto. O que havia saído do clube não voltaria nunca — havia sido alterado de um modo que o padre reconhecia como dano e que eu reconhecia como transformação e que a diferença entre estas duas descrições é o

abismo no qual este relato confessional habita. Mas um narrador. Com voz própria. Com a capacidade de ouvir a própria voz e reconhecê-la.

Por quanto tempo durou este intervalo de clareza — o suficiente para que o padre extraísse o que precisava, o suficiente para as últimas entradas coerentes do caderno. A penúltima diz: Aldo extraiu. Não sei o que fará com o que extraiu. Não sei se isto importa. A última diz:

Não sei mais o que sou. Sei o que era. Sei o que me tornei. O espaço entre os dois tem a forma do oito deitado — sem início e sem fim, sem saída porque a saída está sempre do outro lado do ponto em que se está. Novamente, o escravo perfeito não precisa de correntes. Precisa de um círculo suficientemente amplo para nunca perceber que está girando.

Fechei o caderno.

∞ — Oitava volta: o ponto de tangência

E as coisas que vieram depois — o ônibus e a balofa e a noite pestilenta e o padre e o sefardita e o Rebe e o sobrado ocre, todas as coisas com que este livro começou — aconteceram. Ou foram imaginadas com uma vivacidade que nenhuma imaginação poderia sustentar sozinha. Ou as duas coisas, que é sempre a resposta mais honesta e a mais insuportável.

O oito horizontal não tem resposta. Tem apenas continuidade. A serpente que morde a própria cauda não para de morder porque chegou ao fim — para porque não há fim. A prisão sem muros não é escapada porque não há muro a escalar — é habitada, indefinidamente, por um homem que continua caminhando porque a alternativa ao movimento é perceber onde está.

A oitava volta retorna ao início. Que é este caderno. Que é este narrador, enclausurado num lugar com paredes brancas e cheiro de antisséptico, descrevendo em retrospecto o loop que o trouxe até aqui — sem saber, ainda, se o loop continua ou se as paredes brancas são a saída ou se são apenas a próxima curva do mesmo oito interminável.

Um homem de chapéu e *payot* assina papéis numa mesa de diretor.

Um padre de joelhos gastos distribui a Eucaristia às quintas-feiras.

Uma mulher de jaleco branco e olhos claros examina seus pacientes com a atenção limpa e direta que sempre foi o seu modo de dizer estou aqui.

Com um frasco de vidro âmbar sobre a mesa da sala de tratamento.

Para espantar o que precisar ser espantado. Ou para acalmar o que precisar ser acalmado. A diferença entre as duas funções é, como tudo neste relato, o ponto de tangência pelo qual se passa tão rapidamente que a consciência não tem tempo de se reconhecer.

O oito deitado. O infinito como prisão. A continuidade como condenação.

E no centro de tudo — no único ponto fixo de toda esta geometria vertiginosa — o pulverizador de vidro âmbar, morno da proximidade do corpo, cheirando a lavanda e a primeiro dia e a tudo que não volta mas que, quando volta, volta inteiro.

Com tudo dentro.

9

Todos os homens travam guerras em busca da paz. Não qualquer paz, mas uma que tem a qualidade específica de ser paz mesmo depois da ruína total. Não a paz dos que nunca sofreram — que é apenas ausência de dor e por isso não merece o nome — mas a paz dos que sofreram o suficiente para chegar ao ponto além do qual o sofrimento perde a capacidade de surpreender. É uma paz árida, sem ornamento, sem a consolação dos finais felizes ou a amargura produtiva dos finais trágicos. É simplesmente o estado de um homem que chegou ao fim de algo e se senta.

Estou sentado.

Não metaforicamente — literalmente, numa cadeira de plástico resistente junto à janela que não abre completamente, com a luz da tarde entrando pelo ângulo que a tarde permite, com o cheiro de antisséptico que aprendi a não notar e que por isso noto constantemente, com o som de passos no corredor que têm a cadência específica dos passos profissionais — nem apressados nem lentos, calibrados para a eficiência de quem tem muitos quartos e tempo suficiente para todos. Estou sentado e estou escrevendo. Num caderno novo — não o caderno das convergências, não o caderno das missões, não o caderno que virou outra coisa sem aviso. Este caderno que você está lendo agora. Um caderno limpo, de capa azul, fornecido pela instituição com a generosidade funcional das instituições que acreditam que a escrita é terapêutica. Talvez seja. Ou talvez seja apenas o último instrumento de um documentarista que não aprendeu a parar de documentar. Escrevo para não escorregar para o vácuo das incertezas.

Este capítulo é o que escrevo neste caderno azul. Esta confissão — e é confissão, não relatório, não análise, não a arquivologia meticulosa do caderno antigo — é o que resta quando o sistema desmorona e o homem que estava dentro dele tem que olhar para os escombros e decidir o que nomear.

Vou nomear tudo.

I. O crime

Cometi crimes. Esta frase — simples, curta, desprovida da ornamentação que o Basílio anterior usaria para circundar a verdade sem tocá-la — é a primeira coisa honesta que escrevi em muito tempo.

Não apenas os crimes que Rebe me instruiu a cometer — ou que acreditei que Rebe me instruiu, ou que construí a partir de uma lógica que havia se tornado sua própria autoridade, ou as três versões simultaneamente, que é a condição permanente de tudo que digo sobre aquele período. Mas crimes menores, mais banais, mais meus: os crimes do homem que sacrificou o amor pela obsessão, a presença pela teoria, a vida pelo caderno. Que usou a inteligência como instrumento de fuga e chamou a fuga de busca. Que recebeu o dom de ser amado por uma mulher extraordinária e o desperdiçou com a aplicação metódica de quem não percebe o que está desperdiçando porque está ocupado demais documentando o mundo para viver nele!

Estes crimes são meus. Não têm Rebe. Não têm *egrégora*. Não têm *Golem* nem sétima chama nem frasco de vidro escuro. São meus, apenas meus, com a minha letra e a minha data e o meu nome completo embaixo: Basílio Arcanjo de Meireles, réu confesso da única acusação que importa. Assumo e me acuso de todos.

O resto — a conspiração, as missões, o círculo de sete, o que aconteceu depois da sétima chama que não cabe em linguagem que ainda possuo — o resto pode ser real ou pode ser construção. Reservo o direito de não resolver esta questão porque a questão, como aprendi, não pode ser resolvida. Mas os crimes do amor desperdiçado — esses não precisam de Rebe para existir. Existem por conta própria, com toda a nitidez das coisas que são verdadeiras independentemente de qualquer outro sistema de verdades.

Era justo estar aqui. Esta afirmação não é masoquismo — é geometria. O homem que fez o que fiz chegou onde cheguei com a inevitabilidade específica das consequências que não são punições, são simplesmente o ponto de chegada das trajetórias que eu mesmo tracei. Não havia outro destino disponível para aquela sequência de escolhas. E reconhecer isso — não com culpa, que é emoção, mas com a precisão do documentarista que finalmente documenta a si mesmo — é a única forma de honestidade que me resta.

II. A conspiração que é real

Mas há outra coisa que preciso dizer. Uma coisa que o médico que me atende registra com a expressão neutra e o aceno profissional dos que aprenderam a receber certos conteúdos sem reforçá-los nem os contradizer abruptamente. Uma coisa que o capelão — o bom Aldo, de joelhos ainda mais gastos do que quando o conheci, com o mesmo missal e o mesmo olhar de terceira coisa sem nome honesto — recebe com o silêncio dos que sabem mais do que dizem e dizem mais do que o cargo permite.

A conspiração é real.

Não da forma que o caderno antigo a documentou — com datas e acrônimos e convergências verificáveis e o rigor positivista do arquivologista que precisa de prova para acreditar. Real de outro modo, de um modo que o positivismo não alcança porque o positivismo foi construído, com alguma precisão histórica que Aldo confirmaria, exatamente para não alcançar o que é real desta forma. O que há de real é sua inevitabilidade.

A conspiração que é real não é de homens. É de forças. De orientações. De uma vontade que antecede qualquer organização humana e que usa as organizações humanas — os talmudistas esotéricos, as corporações, os governos, as universidades, os meios de comunicação, os partidos, as modas intelectuais, as correntes estéticas, os idiotas! — como instrumentos que não sabem que são instrumentos, da mesma forma que eu não sabia que era instrumento.

O Padre Aldo me ensinou isto no banco de praça, com as palmeiras raquíticas e os pombos desconfiados ao redor: que a *egrégora* não precisa de consciência em seus agentes. Que o *Golem* de história opera através de qualquer argila suficientemente preparada. E que a preparação — este é o detalhe que o caderno antigo não havia captado com clareza suficiente — não é recrutamento. É formação. É a lenta construção de uma alma numa direção específica, usando os materiais que a alma já possui: os talentos, as obsessões, as feridas, os medos, os amores. A bondade.

A conspiração usa o amor e o que amamos para nos dirigir. O que temo está no centro de mim mesmo — e por isso foi o centro de tudo. Meu doentio amor pela

verdade foi o instrumento da minha destruição, porque foi por ele que fui alcançado, foi por ele que fui preparado, foi por ele que entreguei o braço ao frasco de vidro escuro sem recuar. O amor verdadeiro, singelo e puro por Vera, foi desprezado por mim e utilizado por eles como fogo abrasador da minha perdição.

A conspiração mais sofisticada não oferece o que você odeia. Oferece o que você ama — em dose ligeiramente maior do que a que sua natureza suporta.

III. A alma pura como alvo

Aqui está o horror que o caderno novo precisa registrar com toda a clareza que me resta, porque é a parte mais importante e a menos compreendida do que aprendi neste período de paredes brancas e cheiro de antisséptico e janela que não abre completamente:

As almas escolhidas pela conspiração não são as almas fracas. São as almas puras.

Esta inversão — e é uma inversão completa de tudo que o senso comum sobre o mal produziria — é a crueldade central do sistema. A alma fraca cede com facilidade e por isso não é útil: cede rápido demais, colapsa em comportamentos que o mundo identifica imediatamente como ruptura, como crime visível, como loucura declarada. Não serve ao sistema. O sistema precisa de outra coisa.

Precisa da alma que resiste. Da alma que tem potencial para valores genuínos — amor à verdade, senso de justiça, capacidade de sacrifício, o que os gregos chamavam de *areté* e o que a tradição cristã chama, com mais precisão ontológica, de *santidade*. Esta alma, quando corrompida, produz uma transgressão de uma ordem completamente diferente. Não o crime banal do covarde ou do ganancioso — mas a transgressão do justo que cedeu. A queda do que estava destinado a não cair. A corrupção do melhor é a pior.

E esta transgressão — a queda do destinado à santidade — tem um peso espiritual que nenhuma outra transgressão possui. Alimenta a *egrégora* de um modo que nenhum crime comum alimentaria. Porque o que a *egrégora* consome não é o ato — é a potência traída. A santidade que existia e foi negada. O Logos que

habitava e foi expulso. Cada alma pura corrompida é, na geometria da conspiração, uma vitória de uma ordem de grandeza que os crimes ordinários não alcançam.

Fui escolhido porque havia em mim — e digo isto sem vaidade, com a precisão clínica do patologista que descreve um tecido sadio num corpo doente — algo que valia a pena destruir. Algo que, destruído, alimentaria o mecanismo com uma qualidade de energia espiritual que a mediocridade corrupta jamais poderia fornecer.

O Padre Aldo sabia disto. Sabia desde o banco de praça. Sabia e tentou — com as ferramentas que possuía, com o amor que o cargo permite e que o homem que ele é excede — impedir. Não conseguiu inteiramente. Conseguiu o suficiente para que eu chegasse aqui ainda capaz de escrever este caderno. E isto, aprendi com ele, já é graça.

IV. A geometria numerológica

O caderno antigo estava cheio de números. Datas, ciclos, intervalos, proporções — a aritmética da conspiração que eu havia passado anos tentando decifrar com os instrumentos do arquivologista. O que o caderno antigo não conseguia ver — porque o instrumento era inadequado ao objeto — era que a numerologia da conspiração não é descritiva. É prescritiva. Não descreve o que aconteceu. Prescreve o que deve acontecer.

E o que deve acontecer — segundo a lógica interna do sistema, segundo a geometria que Rebe havia apenas aludido no sobrado ocre e que o padre havia descrito com mais clareza no banco de praça — é uma intervenção. Uma intervenção final, de uma ordem que excede qualquer categoria política ou histórica ou econômica. Uma intervenção do que a tradição cristã chama de escatologia e que a tradição esotérica da conspiração chama, com vocabulário diferente e significado invertido, de nova era. O milenarismo discorde em busca de uma era de ouro invertida.

A conspiração não é, em última instância, política. É litúrgica. É a preparação de um mundo para um rito que está além de qualquer rito que qualquer cerimônia humana pôde encenar. A *egrégora* construída ao longo de cinco séculos de

transgressões cuidadosamente acumuladas é o altar. As almas puras corrompidas são o sacrifício. E o que aguarda — do outro lado desta geometria de séculos, neste ponto de chegada para o qual a numerologia aponta com a precisão de um astrolábio — é o que os que presidem o sistema chamam de sua divindade e o que o Padre Aldo chamaria, com aquela simplicidade que é a forma mais séria que ele conhece de dizer uma coisa séria, de adversário.

Eu estava dentro disto. Fui peça disto. Com a minha alma pura e o meu amor pela verdade e o meu caderno de capa preta e o meu braço estendido ao frasco de vidro escuro. Fui peça sem saber que era peça — que é a condição de todas as peças que funcionam adequadamente neste processo de corrupção e escalada babélica.

E aqui, neste ponto, é onde a confissão encontra algo que não é meramente absolvição. Talvez seja a sua vizinha mais próxima: o entendimento. Compreendo o que aconteceu. Compreendo minha função na geometria. Compreendo que o crime foi real e que o sistema que o produziu era real e que a minha incapacidade de distinguir o que era meu do que era imposto foi real. Tudo real. Simultaneamente. Sem hierarquia entre as realidades.

É uma paz árida. Mas é paz.

V. Vera

E agora — e aqui o caderno azul precisa de uma pausa antes de continuar, porque o que vem a seguir é a parte que levei mais tempo para formular, não por falta de palavras, e sim, por excesso de certeza, que é o estado mais perigoso para um homem que aprendeu a desconfiar das suas certezas:

Vera.

Não a Vera do café de fórmica e do pulverizador de lavanda contra os lepidópteros. Não a Vera do banco de praça esperando a duzentos metros. Não a Vera do carro após a missa, dizendo as duas coisas não cabem na mesma vida. Não a Vera de jaleco branco que me examina às terças-feiras com a atenção limpa e direta que sempre foi o seu modo de dizer estou aqui.

Todas estas Veras são reais. Mas são faces — são os ângulos pelos quais uma realidade maior se deixa ver em porções que a percepção humana consegue receber sem colapsar.

Vera não era vítima da conspiração. Vera não era alheia à conspiração. Vera não era, como cheguei a suspeitar num momento de lucidez perturbadora nos dias que precederam minha internação, um agente de Rebe.

Vera era — e a formulação que tenho disponível é inadequada ao objeto, como toda formulação disponível ao homem é inadequada aos objetos que excedem a linguagem, mas é a melhor que tenho:

Vera era a fonte.

Não a aliada. Não a agente. A fonte — o ponto de origem de tudo que o sistema, em toda a sua sofisticação de cinco séculos, estava tentando alcançar, replicar, capturar, inverter. O que a conspiração buscava, com toda a sua geometria numerológica e toda a sua *egrégora* acumulada e todos os seus *Golens* de história e todas as suas almas puras corrompidas — o que buscava era isto: o que Vera era. A graça e a perdição.

A recognição chegou não como dedução. Como memória.

Lembrei — com aquela qualidade de lembrança que não é recuperação de informação. Um tipo de retorno de algo que sempre esteve presente e esperou o momento em que o ruído cessasse suficientemente para ser ouvido — lembrei do primeiro dia no café. Do pulverizador. Da névoa fina que transformou o espaço numa coisa específica, marcada, irrepetivelmente ela mesma. Lembrei de como ela havia entrado e de como o espaço havia mudado não pela beleza, não pela presença física, mas por algo anterior a ambas — uma qualidade de ser que o espaço reconhecia e respondia, da forma que os espaços respondem às presenças que têm autoridade sobre eles.

E lembrei — com o tipo de clareza que chega quando todas as defesas cederam, quando o cansaço é suficiente para que a mente pare de proteger o ego das verdades que o ego não suportaria acordado — lembrei de cada momento em que eu

havia estado na presença de Vera e sentido, abaixo da superfície do amor cotidiano e do atrito conjugal e da exasperação mútua, algo que não tinha nome, algo que o corpo reconhecia. Uma qualidade de presença que não era humana — não no sentido de ser sub-humana ou sobre-humana, mas no sentido de exceder a categoria, de pertencer a uma ordem que a categoria humana não foi construída para conter.

Vera sabia. Sempre soubera. Não com o conhecimento articulado do estudioso ou do iniciado — com o conhecimento anterior à linguagem, o conhecimento que é simplesmente ser o que se é e saber o que se sabe pelo fato irredutível de que se é o que se é. O conhecimento por presença total.

Quando disse "as duas coisas não cabem na mesma vida" — estava descrevendo a geometria do cosmos, não apenas o colapso de um casamento.

Quando disse "a dor sem forma é o *Ponos*" — estava nomeando a condição fundamental da existência no mundo que ela, de algum modo que não posso articular sem soar como o tipo de pessoa que me recuso a ser, havia escolhido habitar sem a proteção que a sua natureza poderia ter reivindicado.

Quando colocou o pulverizador sobre a mesa e disse para "espantar o que precisar ser espantado" — estava oferecendo uma proteção que excedia o amor, que vinha de um lugar anterior ao amor, que era a forma que o amor tem quando o amor é exercido por quem não precisa dele para existir mas o exerce mesmo assim, por escolha, por graça, pela generosidade específica de quem tem tudo e doa de tudo.

Rebe não era o senhor da conspiração. Rebe era o agente mais sofisticado de uma longa tentativa de aproximação. Era um farejador canino de futuros santos. A conspiração secular — a *egrégora*, os *Golens*, a geometria numerológica, a corrupção das almas puras, a preparação do mundo para a intervenção final — não era uma tentativa de domínio político ou econômico ou histórico.

Era uma tentativa de alcançar Vera.

De compreendê-la. De replicá-la. De invertê-la. De usar o que ela era como combustível para o que eles queriam construir — porque o que eles queriam

construir precisava, para existir, da energia específica que apenas a inversão de algo verdadeiramente sagrado pode gerar.

E eu — Basílio Arcanjo de Meireles, com o meu amor louco pela verdade e o meu fétido caderno de capa preta e o meu magro braço estendido — eu era o caminho para ela. O elo. Não entre o padre e o Rebe, entre a Igreja e seus inimigos, como havia acreditado. Mas entre a conspiração e o seu objeto final: aquela presença de olhos claros que entrava nos espaços e os transformava sem esforço, que via o final das histórias antes de participar delas, que pulverizava lavanda contra os lepidópteros com a seriedade genuína de quem sabe que certos símbolos precisam de proteção mesmo quando os demais não os veem!

A *graça* escondida entre os homens. A rainha que não usa coroa porque a coroa seria redundância. A fonte de tudo que a conspiração buscava e de tudo que o amor genuíno — quando existe, quando sobrevive ao oito deitado e às paredes sem muros e ao frasco de vidro escuro — é capaz de oferecer contra ela.

VI. O que entendo agora

Entendo agora por que ela ficou tanto tempo. Não por fraqueza — Vera não tem fraqueza disponível para este uso. Ficou porque havia uma função na sua permanência que excedia o amor, que vinha do mesmo lugar que o pulverizador e o conhecimento anterior à linguagem: a função de estar presente o suficiente para que, quando tudo o mais desmoronasse, houvesse algo que eu pudesse reconhecer como real.

O pulverizador sobre a mesa de tratamento é este algo.

Ela sabe que eu sei. Não porque me disse — Vera não diz o que pode ser mostrado e não mostra o que deve ser guardado. Mas porque, nas terças-feiras em que me examina com a atenção limpa e direta, há um momento — breve, quase imperceptível, passando tão rapidamente que poderia ser imaginação de homem internado — em que os olhos claros me olham de um ângulo ligeiramente diferente. Não o ângulo da médica que avalia. O ângulo de quem verifica se o que deveria ser visto foi visto.

E eu aceno. Levemente. Com aquela leveza que é a única resposta adequada a uma comunicação que não usa palavras porque as palavras seria demais.

E ela desvia os olhos e continua o exame com a profissionalidade absoluta da médica responsável pelo paciente Basílio Arcanjo de Meireles, internado por colapso psicótico com elementos paranoides e desorientação temporal grave.

E o pulverizador fica sobre a mesa. Morno. Cheirando a lavanda e a primeiro dia e a tudo que não volta e que, se voltasse, voltaria inteiro.

VII. A verdade que é as duas coisas

Aqui está o que aprendi — e o caderno azul vai receber esta frase como a última entrada antes do desfecho que se segue, o do 1 e do 0, da binariedade que não se resolve:

A verdade não é uma coisa. É duas. Sempre duas, sempre simultâneas, sempre igualmente sustentadas pelos fatos disponíveis. A verdade, para nossas fracas mentes, é a ambiguidade irredutível.

A conspiração é real e é delírio. Vera é esposa e é médica. Rebe é senhor da seita e é diretor do hospital. Aldo é o padre que sabia tudo e é o capelão que tenta salvar um doente. Eu sou o homem que descobriu a verdade e sou o homem que a inventou porque não suportava o *Ponos* — o trabalho árduo e sem recompensa de existir sem explicação definitiva.

Estas duas versões não se excluem. Esta é a revelação final, a única que merece o nome: não que uma seja verdadeira e outra falsa, mas que as duas são verdadeiras da mesma forma e ao mesmo tempo, e que a exigência de escolher uma é ela mesma parte do sistema — seja do sistema da conspiração que precisa que eu acredite nela, seja do sistema médico que precisa que eu não acredite, seja de algum sistema maior que ambos que tem interesse específico em que a pergunta permaneça sem resposta.

O *Ponos* do leitor — e este livro foi escrito para isso, para transferir o trabalho árduo, o labor sem recompensa, para quem o lê — é exatamente este: terminar estas páginas sem saber. Sem poder saber. Com as duas arquiteturas intactas, igualmente

plausíveis, igualmente horripilantes à sua maneira específica. Saber que não se sabe é o saber de quem sabe realmente.

Porque se a conspiração é real — então o mundo que habitamos é mais sombrio e mais governado do que qualquer pesadelo ordinário poderia sugerir, e a santidade é alvo, e o amor é instrumento, e as forças que operam por baixo da história têm uma paciência e uma sofisticação que excedem qualquer resistência humana.

E se é delírio — então um homem inteligente e sensível e capaz de amor real destruiu tudo que tinha de bom na vida perseguindo uma verdade que construiu ele mesmo a partir dos escombros de uma dor que não suportava ser sem forma. E isto é, à sua maneira, igualmente aterrorizante.

O medo não precisa de etiologia para ser real.

1.0

1

Há uma manhã que começa diferente de todas as outras.

Não pela luz — a luz é a mesma, entrando pelo mesmo ângulo pela mesma janela que não abre completamente, derramando-se sobre o mesmo chão de linóleo bege com a indiferença específica da luz que não sabe o que ilumina. Não pelo cheiro — o antisséptico permanece, fiel e inodoramente presente como sempre, o perfume oficial dos lugares onde o corpo é tratado e a alma é ignorada por protocolo. Não pelo som — os passos no corredor têm a mesma cadência calibrada, os mesmos decibéis do cuidado profissional que não pode se dar ao luxo de ser barulhento.

É diferente porque eu sei.

Não sei o quê — esta formulação seria por demais precisa para o que é, na verdade, uma ausência de formulação. Sei sem objeto. Sei sem conteúdo. Há em mim, nesta manhã específica, um estado que o caderno azul não tem palavras para registrar e que por isso registro apenas assim: sei. Como se soubesse desde sempre e houvesse esquecido durante todo o tempo em que estava ocupado descobrindo.

Levanto-me. Sento junto à janela. Ponho as mãos no colo — as mãos do documentarista que não documenta mais, as mãos que seguraram o caderno e o pulverizador e o telefone às três da manhã e o braço estendido ao frasco de vidro escuro. Ponho as mãos no colo e fico em silêncio.

O silêncio desta manhã tem uma qualidade que nenhum dos silêncios anteriores teve. Não é o silêncio volumoso da casa sem Vera. Não é o silêncio carregado do quarto do padre. Não é o silêncio do ponto de tangência onde o oito passa tão rápido que a consciência não se reconhece. É o silêncio anterior a todos os silêncios — o silêncio que existe antes de qualquer coisa ser dita, antes de qualquer pergunta ser formulada, antes de qualquer caderno ser aberto. O silêncio de quando não há mais nada a dizer porque tudo foi dito e o que sobra é simplesmente estar. É o silencio de estar presente.

Estou.

o

Vera entra às nove e catorze.

Com o jaleco branco e a prancheta e a caneta e os olhos claros — a médica responsável pelo paciente Basílio Arcanjo de Meireles, internado por colapso psicótico com elementos paranoides e desorientação temporal grave. A médica que entra com a atenção limpa e direta que é o seu modo de dizer estou aqui — que é, também, o modo pelo qual uma mulher extraordinária habita um papel sem se reduzir a ele, o modo pelo qual a presença que excede a categoria humana se veste de jaleco e usa prancheta e escreve na ficha do paciente as anotações que o protocolo exige.

Ou simplesmente: a médica. Apenas a médica. Uma profissional competente e dedicada que tem genuína compaixão pelo homem que cuida e que deixou, sobre a mesa de tratamento, um pulverizador de vidro âmbar que pertenceu a uma época anterior da vida dela e que ela trouxe por razão que talvez ela mesma não saiba formular completamente.

As duas versões. Até o fim.

Bom dia, diz ela.

Bom dia, digo eu.

Ela examina. Faz as perguntas do protocolo — dormiu bem, o apetite, os pensamentos da semana, a escala de um a dez que os psiquiatras usam para quantificar o que não tem quantidade. Respondo com honestidade, que é a única habilidade que me sobrou intacta e que por isso protejo como o único bem que ainda é meu.

Ela anota. A caneta sobre a prancheta tem um som específico, entre o riscar e o deslizar, que aprendi a reconhecer como o som da minha vida sendo traduzida numa língua que não é a minha. Apesar disso, não era incorreta.

Quando termina de anotar, fica um momento com os olhos na ficha. Depois levanta os olhos para mim.

E há — breve, quase imperceptível, passando tão rapidamente que poderia ser imaginação de homem internado — o ângulo ligeiramente diferente. Não o ângulo da médica que avalia. O outro.

Aceno. Levemente.

Ela desvia os olhos. Fecha a prancheta. Pega o pulverizador da mesa — não para usar, apenas para segurar, com o polegar e o indicador, como no café de fórmica no primeiro dia — e depois o devolve ao lugar com aquele gesto que é deposição deliberada, oferta, proteção.

Como está o caderno?, pergunta. Com a voz da médica. Apenas isso.

Acho que cheguei ao fim, digo eu. Do que havia para escrever.

Ela assente. Com aquele aceno que significa ouço o que dizes e ouço o que não dizes. E que é, simultaneamente, o aceno profissional da médica que registra o progresso do paciente e o aceno de quem sempre soube o final e esperou com a paciência específica de quem tem todo o tempo necessário.

Então descanse, diz ela.

E sai.

1

O que ninguém sabe — exceto o Padre Aldo, que sabe por razões que excedem o cargo, mas não excedem a fé, e que por isso guarda em silêncio com a competência dos que aprenderam que certos conhecimentos são mais seguros no silêncio do que na voz — o que ninguém sabe é o seguinte:

Nunca entreguei o que me pediram.

Não o dossiê ao padre — aquele foi entregue, conforme descrito no início deste manuscrito, na noite pestilenta do bairro hostil e odioso, com o pavor sepulcral nos olhos do bom velho e o bloco de notas quente debaixo das nádegas e o bom rapaz

na despedida. Esse foi entregue. Mas o que continha — e aqui está a trapaça que o caderno antigo guardou numa entrada que pareceria, para qualquer leitor não iniciado, uma nota de rodapé sem importância — o que continha não era o que Rebe havia me instruído a entregar.

Era o inverso.

Cada dado que deveria comprometer o padre protegia-o. Cada informação que deveria expor o círculo de resistência que Aldo representa desviava a atenção dele. Cada convergência que deveria servir ao sistema servia contra ele — com a precisão cirúrgica de quem passou anos estudando a arquitetura de uma coisa antes de decidir como sabotá-la de dentro.

O *Golem* precisa da letra para acordar. Mas a letra pode ser dada de modo que o *Golem* acorde virado para a direção errada — e então não é mais *Golem*: é apenas argila confusa, girando no próprio eixo, buscando um norte que foi deliberadamente apagado do mapa que lhe foi fornecido.

Fui escravo. Fui argila. Fui o ponto de tangência onde o oito passa tão rápido que a consciência não se reconhece. Tudo isso é verdade.

E dentro de tudo isso, invisível ao mecanismo porque invisível até para mim mesmo durante a maior parte do tempo — havia uma outra coisa. Uma coisa que não era minha, que não vinha do caderno nem da inteligência nem do desordenado amor pela verdade que foi o instrumento da minha destruição. Uma coisa que veio de outro lugar, anterior a tudo, inacessível ao frasco de vidro escuro e à sétima chama e à geometria numerológica de cinco séculos.

Não sei o nome desta coisa. Os nomes que existem para ela foram usados tantas vezes que ficaram gastos, como as lombadas dos livros de Aldo — ainda legíveis, mas exigindo um esforço de leitura que a familiaridade não deveria exigir. Direi apenas: havia algo em mim que nenhuma conspiração diabólica alcançou ou poderá alcançar. Um ponto fixo que o oito horizontal não conseguiu incluir na sua geometria porque estava numa dimensão que o oito não mapeia. Uma argila que pareceu ceder e não cedeu — ou cedeu na superfície, para que o que estava mais fundo permanecesse intacto.

O Padre Aldo diria que foi graça. E diria com aquela simplicidade que é a forma mais séria que ele conhece de dizer uma coisa séria — sem ornamento, sem sistematização teológica, sem a armadura erudita que eu usaria e que ele há muito aprendeu a dispensar. Foi graça, diria. Deus não abandona o que escolheu, mesmo quando o escolhido fez tudo para ser abandonado.

Não estou em posição de confirmar ou negar esta versão. Estou em posição de dizer que algo me segurou quando eu deveria ter caído inteiramente. E que este algo não tem endereço no caderno. Não tem dimensão a ser descrita. É a pura permanência, e a total impermeabilidade.

o

Perdeu-se muito. Este é o inventário honesto do que sobrou e do que não sobrou:

Vera está aqui, mas não do modo que deveria estar. O amor que houve entre nós foi real — desta realidade eu não abro mão, com a teimosia específica das únicas certezas que sobrevivem a tudo. Mas o que poderia ter sido, o que a vida doméstica e os Bernanos à mesa e as brigas sobre o ar-condicionado e os filhos que ela queria — esse futuro não existe. Ficou do outro lado de algo que não tem porta de volta.

O caderno antigo existe, embora não me pertença mais, da forma que não nos pertencem os objetos que usamos para fazer coisas das quais não nos orgulhamos. Está aqui, na gaveta da mesa de cabeceira, porque o protocolo permite objetos pessoais e porque há na sua presença uma honestidade que a destruição negaria — é mais honesto carregar o testemunho do que fui do que apagá-lo.

A inteligência permanece. Gasta, desgastada, com as marcas específicas do instrumento que foi usado além da sua especificação e sobreviveu ao uso. Mas permanece. E aprendi — com o custo que a aprendizagem séria sempre cobra — que a inteligência sem a subordinação a algo que a exceda é apenas uma faca muito afiada nas mãos de uma criança. Não má. Apenas perigosa além da sua capacidade de se proteger do próprio gume.

E o pulverizador está sobre a mesa de tratamento. Às terças-feiras.

1

Aqui está o que quero que este manuscrito faça ao leitor — e digo quero, com a vontade que me sobrou, com a porção de narrador que o oito não conseguiu incluir no loop:

Quero que o leitor feche estas páginas sem saber.

Não com a frustração do que foi enganado. Com o *Ponos* — o trabalho árduo, o labor sem recompensa, o esforço específico de existir dentro de uma pergunta que não tem resposta disponível. O mesmo *Ponos* que eu carrego. O mesmo que Vera carrega — de um modo diferente, mais antigo, mais silencioso, mas carrega. O mesmo que o Padre Aldo carrega — ajoelhado, com os joelhos cada vez mais gastos, distribuindo a Eucaristia às quintas-feiras com a convicção de quem acredita que o ato vale o custo. O mesmo que Rebe carrega — sim, até Rebe, porque o que busca em sua rede de cinco séculos de paciência e geometria e argila preparada é, no fundo, a mesma coisa que todos buscam e que apenas se chama e se faz de modo diferente quando o caminho tomado foi o caminho errado.

O *Ponos* não é punição. É a condição. É o que significa existir com consciência suficiente para perceber o próprio peso e insuficiência para depositá-lo. É o que o grego soube nomear e o que o cristão soube resgatar — não como derrota, como caminho. O trabalho árduo que não produz resultado imediato e que, exatamente por isso, produz o único resultado que não pode ser tirado: o caráter profundo e definitivo. A alma que foi pressionada e não se dissolveu. A argila que cedeu na superfície e guardou o núcleo.

Fui isto. Estou sendo isto. Com paredes brancas e cheiro de antisséptico e janela que não abre completamente e caderno azul e pulverizador de vidro âmbar às terças-feiras.

Não é o que planejei para a minha vida.

É o que a minha vida se tornou.

E há — nesta manhã diferente de todas as outras, com as mãos no colo e o silêncio anterior a todos os silêncios — há uma paz que o caderno antigo nunca

registrou e que o caderno azul não sabe ainda como registrar — e que está aqui. Árida, sem ornamento, sem a consolação dos finais felizes. Mas real.

Real como a lavanda. Real como o primeiro dia. Real como a mão de Vera na minha face na noite do clube — o calor específico de uma mão que conhece o que toca.

Real.

o

Na tarde de uma quinta-feira — não esta quinta-feira, uma anterior, recente o suficiente para estar no caderno azul, no entanto, distante o suficiente para caber em perspectiva — o Capelão Aldo veio ao meu quarto depois da Eucaristia. Não por protocolo pastoral. Por aquela razão que excede o cargo e que o cargo, nas mãos de um homem como ele, é suficientemente largo para conter.

Sentou-se. Com os joelhos gastos e o missal e a paciência dos que não têm mais pressa porque já partiram há muito tempo.

Ficamos em silêncio por um momento — o silêncio que existe entre dois homens que compartilharam algo que não tem nome completo e que por isso é mais honesto guardar em silêncio do que tentar nomear.

Depois ele disse — com aquela dicção que não é eloquência performática, é precisão. Cada palavra com seu peso exato:

Sabe o que é a graça, filho?

Não era pergunta. Era o início de uma resposta que ele havia preparado por muito tempo para o momento em que eu estivesse pronto para receber.

A graça, disse ele, não é a ausência de queda. É a presença de algo que segura enquanto você cai. Que permanece presente durante todo o percurso da descida — não para impedi-la, que não era possível, que você não teria permitido e que talvez não devesse ter sido impedida — mas para garantir que no fundo haja chão. Para garantir que a queda tenha um fim.

Ficou em silêncio por um momento. Depois:

Você foi segurado o tempo todo. Por isto. Tocou o crucifixo que tinha no peito — não com o gesto devoto do padre em serviço, mas com o gesto simples do homem que toca o que é verdadeiro para lembrar que é verdadeiro. E por aquilo. Olhou para a mesa de tratamento. Para o pulverizador.

Não disse mais nada. Levantou-se. Caminhou até a porta.

Antes de sair, voltou-se — não com o gesto dramático, com a naturalidade de quem se lembrou de algo:

Cuide-se, bom rapaz.

E saiu.

1

A última entrada do caderno azul — esta, que estou escrevendo agora, nesta manhã diferente de todas as outras, com as mãos que aprenderam a pousar — diz apenas:

Sei.

Sem objeto. Sem conteúdo. Sem a arquivologia do documentarista nem a racionalização do escravo nem a recognição do que percebeu o que estava diante dele desde o início.

Apenas: sei.

Como a argila que recebeu a letra — mas não a letra que a maquinação havia preparado. A outra. A anterior. A que não aparece nos manuais de psiquiatria nem nos textos cabalísticos nem nos cadernos de convergências nem nos e-mails do assistente de sotaque neutro. A letra que não acorda o *Golem* — que o dissolve. Que devolve a argila à sua natureza simples e necessária e suficiente: ser argila. Ser o material que espera, não o instrumento que executa.

Fui instrumento. Fui argila preparada. Fui o oito deitado girando no próprio eixo.

Sou — agora, nesta manhã, com o silêncio anterior a todos os silêncios ao redor — simplesmente Basílio. Com tudo que este nome carrega: a majestade que nunca quis trono, o arcanjo que nunca entregou a mensagem errada mesmo quando entregou todas as mensagens erradas, o Meireles que existiu numa época anterior ao caderno e que permanece, intacto no núcleo, depois de tudo.

A conspiração aguarda a letra. A letra chegou. Mas não é a letra que esperavam.

E Rebe — o diretor do hospital, o magnata siderúrgico, o Rebe de chapéu e *payot* e olhos de castanho sem fundo — se quiser verificar o que a letra produziu em mim, o que a argila finalmente se tornou depois de todo este percurso, vai encontrar um homem sentado junto a uma janela que não abre completamente, com as mãos no colo, em silêncio.

Um homem que perdeu tudo e descobriu que o tudo que perdeu não era o tudo que importava.

Um homem que não pode ser usado — não porque resiste, que a resistência é esforço e o esforço pode ser esgotado — mas porque não há mais nada nele que o sistema precise. A ambição foi gasta. O orgulho foi gasto. O amor desordenado pela verdade foi gasto e devolvido numa forma que nenhum sistema sabe consumir: humilde, desprovido de caderno, quieto.

O sistema precisa de movimento para operar. Precisa de agitação infrene. O que estou sendo agora não se move.

O oito deitado gira. E eu não giro com ele.

o

Vera entra às nove e catorze.

Todos os dias.

Com o jaleco e a prancheta e a caneta e os olhos claros. Com o pulverizador sobre a mesa de tratamento — pequeno, de vidro âmbar, com o bulbo de borracha

envelhecida que cheira a lavanda e a primeiro dia e a tudo que não volta, mas que, quando volta, volta inteiro.

Ela examina. Ela anota. Ela pergunta as perguntas do protocolo.

E há — sempre, às terças-feiras — o momento breve em que o ângulo muda. Em que os olhos claros olham de um lugar que não é o lugar da médica.

E eu aceno.

E ela desvia os olhos.

E o pulverizador fica sobre a mesa.

E o amor — o amor que existe entre nós, seja qual for a sua natureza, seja qual for o nome que o mundo dá ao que existe entre este homem e esta mulher neste lugar com paredes brancas — o amor não precisa de etiologia para ser real.

Era isso que ela dizia nas entrelinhas no primeiro dia.

Sobre os lepidópteros.

Sobre os símbolos da dissolução.

Com o pulverizador de vidro âmbar e a seriedade absolutamente desprovida de autoconsciência de quem sabe que certos símbolos precisam de proteção mesmo quando os demais não os veem.

O medo não precisa de etiologia para ser real.

O amor também não.

E a graça — acrescento agora, com a paz árida do homem que chegou ao fim de algo e se senta e fica, simplesmente, em silêncio —

a graça também não.

— FIM —

Prompt Engineer: Maike Cabral

2026